

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

Cristiane Nunes de Oliveira Sousa

**DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM COMO SUPORTE
PARA O ENSINO INCLUSIVO: EM PERSPECTIVA A
ACESSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA OS ALUNOS COM TEA**

**São Caetano do Sul – SP
2023**

CRISTIANE NUNES DE OLIVEIRA SOUSA

**DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM COMO SUPORTE
PARA O ENSINO INCLUSIVO: EM PERSPECTIVA A
ACESSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA OS ALUNOS COM TEA**

**Trabalho Final de Curso apresentado ao
Programa de Pós- Graduação em Educação -
Mestrado Profissional - da Universidade
Municipal de São Caetano do Sul como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Educação.**

**Área de concentração: Formação de
Professores e Gestores**

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Cristina Costa Renders

**São Caetano do Sul – SP
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Pró-Reitoria de Pós-graduação em Educação - Mestrado Profissional.

Trabalho final : modelo e formatação / Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado Profissional ; Cristiane Nunes de Oliveira Sousa. São Caetano do Sul: USCS, 2023.

117 f. : il.

1. Normalização da documentação. 2. Trabalho final de mestrado profissional. 3. Dissertação. 4. Documentos (elaboração). 5. Documentos eletrônicos. I. Sousa, Cristiane Nunes de Oliveira.

CDD

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Prof. Dr. Leandro Campi Prearo**

**Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro**

**Gestão do Programa de Pós-graduação em Educação
Profa. Dra. Ana Sílvia Moço Aparício**

Trabalho Final de Curso defendido e aprovado em 08/08/2023 pela Banca Examinadora constituída pelos(as) professores(as):

Prof (a). Dr.(a.) Elizabete Cristina Costa Renders

Prof (a). Dr.(a.) Ana Sílvia Moço Aparício

Prof (a). Dr.(a.) Suelene Regina Donola Mendonça

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão inicialmente à Deus, por poder ter a oportunidade de realizar mais um sonho em minha vida: o “Mestrado”.

Minha enorme gratidão à minha família.

Minha mãe Benedita (In memoriam), que nunca me deixou desistir de nada, dos meus sonhos, me apoiando e me incentivando.

Meu pai Belarmino, que em todos os momentos, vibrou com minhas conquistas.

Meu marido Antônio Luis, sempre ao meu lado, me dando apoio para que eu não desistisse.

Minha irmã Luciana, que em todas as situações segurou a minha mão para que eu pudesse ir até o fim.

Não poderia deixar de agradecer a minha amiga Neli, que desde o primeiro momento do curso, chegou ao meu lado, e juntas chegamos até aqui.

Minhas parceiras: Edna, Marlene, Rosânia, Ana Rita e Kátia, que também lutaram para que minha pesquisa se concretizasse.

E lógico às professoras da escola em que leciono hoje por me ajudarem na pesquisa: “EMEF Elvira Paolilo Braido”.

À professora orientadora Dra. Elizabete Cristina Costa Renders, que desde o início do curso, esteve ao meu lado, me orientando e apoiando nessa caminhada.

E também à professora Dra. na Sílvia Moço Aparício, que foi super compreensiva nos momentos que mais precisei.

E por último, à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul pela concessão de bolsa parcial neste curso.

“Não se pode falar de educação sem amor”
(PAULO FREIRE)

RESUMO

Esta pesquisa propôs a reflexão sobre a importância da prática pedagógica acessível em uma sala de aula onde há estudantes com e sem TEA, tendo como suporte o desenho universal para aprendizagem (DUA). Partiu da seguinte questão: Como construir uma prática pedagógica acessível em uma sala de aula onde há estudantes com e sem TEA? O objetivo geral foi investigar como os princípios do DUA podem contribuir para a construção de uma aula acessível em sala de aula onde há estudantes com e sem TEA. Os objetivos específicos foram: elencar e compreender a percepção dos professores e professoras sobre as principais barreiras enfrentadas pelos estudantes com TEA no cotidiano de uma sala de aula; promover a reflexão, junto aos professores e professoras, sobre o DUA como novo paradigma para a prática pedagógica acessível; construir, com base nos princípios do DUA, um produto educacional que apoie a prática pedagógica acessível em sala de aula onde há estudantes com e sem TEA. Esta foi uma pesquisa narrativa, cujos instrumentos foram a carta pedagógica e a roda de conversa. Quanto aos resultados, a partir da percepção dos professores e professoras, foram levantadas algumas barreiras enfrentadas pelos estudantes com TEA no cotidiano de uma sala de aula, como: os poucos recursos e a inexistência de apoio para trabalhar a inclusão escolar do aluno com TEA, bem como o desafio de atuar em demandas com as quais os professores ainda não possuem conhecimentos específicos. Foi possível observar também que a maioria dos professores não conhecem a proposta do desenho universal para aprendizagem. Ao final da pesquisa, foi proposto um produto educacional, intitulado “Construindo uma prática pedagógica inclusiva”. Trata-se de um site com materiais de apoio aos professores que atuam no processo de inclusão escolar de estudantes com TEA.

Palavras- chave: desenho universal para aprendizagem; estudantes com TEA; inclusão escolar; prática pedagógica; acessibilidade.

ABSTRACT

This research proposed reflection on the importance of accessible pedagogical practice in a classroom where there are students with and without ASD, supported by the Universal Design for Learning (UDA). It started from the following question: How to build an accessible pedagogical practice in a classroom where there are students with and without ASD? The overall objective was to investigate how the principles of UAD can contribute to the construction of an accessible lesson in the classroom where there are students with and without ASD. The specific objectives were: to list and understand the perception of teachers about the main barriers faced by students with ASD in the daily life of a classroom; to promote reflection, together with teachers, on UDL as a new paradigm for accessible pedagogical practice; build, based on the principles of DUA, an educational product that supports accessible pedagogical practice in the classroom where there are students with and without ASD. This was a narrative research, whose instruments were the pedagogical letter and the conversation wheel. As for the results, from the perception of teachers, some barriers faced by students with ASD in the daily life of a classroom were raised, such as: the few resources and the lack of support to work on the school inclusion of students with ASD, as well as the challenge of acting in demands with which teachers still do not have specific knowledge. It was also possible to observe that most teachers do not know the proposal of universal design for learning. At the end of the research, an educational product was proposed, entitled "Building an inclusive pedagogical practice". This is a website with support materials for teachers who work in the process of school inclusion of students with ASD.

Keywords: universal design for learning; autism; school inclusion; practice; pedagogical accessibility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Sinais sugestivos do TEA, no primeiro ano de vida.....	29
Figura 2	Imagem ilustrativa “Pranchas de comunicação”	35
Figura 3	Imagem ilustrativa “Cartas de comunicação”	35
Figura 4	Imagem ilustrativa “Vocalizadores”	36
Figura 5	Tríade do Desenho Universal para Aprendizagem.....	42
Figura 6	Princípios básicos do DUA (CAST, 2014).....	43
Figura 7	Abordagem do DUA.....	45
Figura 8	Objetivos, estratégias e avaliação do Desenho Universal para Aprendizagem.....	45
Figura 9	Gráfico representando o tempo de atuação dos professores na rede pesquisada.....	55
Figura 10	Gráfico representando a atuação dos professores em salas de aula com alunos com e sem TEA.....	56
Figura 11	Gráfico representando as dificuldades encontradas na prática de ensino inclusiva.....	57
Figura 12	Gráfico representando o conhecimento dos professores referente a abordagem Desenho Universal para Aprendizagem (DUA).....	61
Figura 13	Linha do tempo sobre a escolha do produto final.....	66
Figura 14	Modelo do produto final (Site educacional).....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Marcos históricos da inclusão.....	23
Quadro 2	Seis dimensões de acessibilidade, segundo Sasaki (2009).....	38
Quadro 3	Número de pesquisas encontradas na plataforma SCIELO, com os descritores pesquisados individualmente.....	46
Quadro 4	Número de pesquisas encontradas na plataforma BDTD, com os descritores pesquisados individualmente.....	47
Quadro 5	Número de pesquisas encontradas na plataforma BDTD, com os descritores combinados.....	48
Quadro 6	Número de pesquisas encontradas na plataforma BDTD, com a combinação de dois descritores, com utilização de outros termos para designar o DUA (Design – Desenho.....	49
Quadro 7	Etapas de pesquisa.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento educacional especializado
AMA	Associação Amigos do Autista
APAE	Associação Pais e Amigos de Excepcionais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CDC	<i>Center of Diseases Control and Prevention</i>
CP	Carta pedagógica
CPG	Comissão de Pós-Graduação
DUA	Desenho Universal para Aprendizagem
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
HTM	<i>Hyper Text Markup Language</i>
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LIBRAS	Língua brasileira de sinais
OAs	Objetos de Aprendizagem
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan Americana de Saúde
PEI	Plano Educacional Individualizado
PUC	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
QS	Questionário de Sondagem
RC	Roda de conversa
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul

SUMÁRIO

MEMORIAL	15
1 INTRODUÇÃO	19
2 A INCLUSÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	22
2.1 A educação inclusiva e o novo paradigma para a educação especial.....	22
2.2 A inclusão escolar dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista.....	27
3 DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM E A PROPOSTA DE ACESSIBILIDADE PEDAGÓGICA	37
3.1 A necessária garantia das condições de acessibilidade em sala de aula.....	37
3.2 Os princípios do desenho universal para aprendizagem apoiando a aula acessível.....	40
3.3 Levantamento de pesquisas correlatas.....	46
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
4.1 Opção metodológica.....	50
4.2 Etapas e instrumentos de pesquisa.....	51
4.3 Caracterização do campo de pesquisa.....	54
4.4 Caracterização dos sujeitos de pesquisa.....	55
5 A PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE AS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE PEDAGÓGICA NA ESCOLA	59
5.1 Em perspectiva a percepção dos professores e professoras sobre as barreiras em sala de aula.....	59
5.2 O desconhecimento do DUA como novo paradigma para a prática de ensino acessível	60
5.3 O reconhecimento dos princípios da educação inclusiva como base para o ensino acessível.....	62
6 PRODUTO EDUCACIONAL	65
6.1 Contextualização	65
6.2 O produto em si.....	67
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71
ANEXO A - Respostas dos questionários de sondagem	78

ANEXO B – Carta pedagógica 01.....	98
ANEXO C – Carta pedagógica 02.....	99
ANEXO D – Carta pedagógica 03.....	101
ANEXO E – Carta pedagógica 04.....	102
ANEXO F – Carta pedagógica 05.....	103
ANEXO G – Carta pedagógica 06.....	104
ANEXO H – Quadro síntese- reflexão das cartas pedagógicas.....	105
ANEXO I – Quadro síntese da roda de conversa.....	111

MEMORIAL

Iniciei cedo no amor pela escola, frequentando educação infantil logo aos 4 anos. Minha mãe não trabalhava, mesmo assim, a meu pedido, colocou-me na escola de educação infantil.

Estudava dentro de um ônibus feito com uma carcaça de ônibus real, mesas e cadeiras expostas, lousa para a professora escrever e uma alegria enorme em poder fazer parte daquele momento com meus colegas e professora. Professora esta que, com muito amor pela profissão, lidava com as crianças de forma muito harmoniosa e dedicada.

Tudo corria muito bem. Todos os dias, naquele mesmo local, estava eu, minha mochila e minha lancheira. Até que um dia, uma tragédia aconteceu com nosso ônibus. Vândalos tinham colocado fogo nele. Ele não existia mais ali. Foram dias de tristeza, choro, lamentações e acalanto por parte da tão maravilhosa professora.

Dali nasceu o amor pela profissão, sem mesmo ter a noção do que seria ser Professora. Acredito que o exemplo dela e a forma como ensinava fez com que uma “pequena luz” pela profissão surgisse.

Em casa, na casa dos amigos, nas brincadeiras em parques, sempre havia a escolinha. Aos poucos, vinha o entendimento e a frase que sempre saiu da minha boca: “vou ser professora quando eu crescer”.

Por ter um problema congênito nos olhos e ter a visão baixa, passei por muitos obstáculos ao longo da minha vida acadêmica na escola. A falta de informação dos professores, gestores, a falta de respeito dos colegas e outros fatores não colaboraram para que tudo se tornasse mais suave e tranquilo. Mesmo assim, diante de toda esta situação, sempre gostei de estudar e ajudar os colegas, fazer trabalhos em casa, ir à biblioteca e me calar diante de todo o bullying.

Cheguei ao final do ensino fundamental e decidi que faria o curso de magistério, mesmo contra a vontade de meu pai que queria que eu fosse advogada e não professora, mesmo assim me inscrevi no curso e fui fazê-lo na escola estadual.

Cursei por 2 anos e quando iria para o 3º ano arrumei um trabalho e não pude mais estudar pela manhã, tendo que pagar o restante do curso em colégio particular que oferecia o curso noturno. Assim o fiz, paguei 2 anos e me formei Professora.

Assim que me formei no magistério, arrumei um trabalho em escola infantil particular, iniciando aí minha experiência. Não foi nada fácil, pois ali via coisas que não eram aquilo que estudei e por isso sofria muito.

Tive a oportunidade de trabalhar na APAE. Foi uma profunda experiência, aprendi muito com os profissionais da instituição, percorrendo ali um novo caminho que se abria para mim. Uma nova paixão se inicia: o trabalho na área da educação especial.

Obviamente que faria o curso superior em Pedagogia, foram mais 4 anos estudando e me aprofundando na área. Ainda em curso, pude iniciar minha carreira docente na escola pública, dando aula como eventual e ganhando cada vez mais experiência em sala de aula.

Fiz minha primeira pós-graduação na PUC, cursando Educação Especial - deficiência Intelectual. O polo era muito longe, o curso era à noite e assim tive um pouco de dificuldade na locomoção. Mas mesmo assim, na companhia da minha mãe, fui para as aulas até o término. Assim que finalizei os estudos, já entrei na rede estadual como professora especialista de inclusão, na sala de recursos. Era, a cada dia, uma nova experiência, um novo aluno, um novo obstáculo, uma nova conquista. A parceria ótima com a gestão fazia com que nossos alunos avançassem cada dia mais. De acordo com a demanda que surgia na escola, fui vendo a necessidade de mais estudos dentro da área da educação especial.

Fiz mais algumas pós-graduações na área: deficiência física, deficiência visual, deficiência visual e psicopedagogia clínica e institucional. Vi a necessidade também de algum curso relacionado à legislação e gestão pública, tendo a oportunidade de entrar na UNIFESP.

Em minha carreira dentro da rede pública, realizei vários cursos para aprimoramento, dentre eles: curso de Libras e de Braille. Os dois cursos foram muito bons, mas por falta de convivência com os usuários desta língua e código, acabei por não ter a prática, ficando assim despreparada para ministrar aulas para eles.

Mesmo já estando dentro da rede pública como professora, este ainda não era um cargo efetivo. Sendo assim, em novembro de 2013, prestei um concurso para a Prefeitura de São Caetano do Sul e para a rede Estadual de Educação. Com muita alegria, passei nos dois e o ingresso também foi simultâneo em abril de 2014. Foi um mix de sentimentos: alegria, felicidade, medo, capacidade e tensão. Será que iria dar conta? Sim, hoje após 9 anos posso dizer que sim. Não foi nada fácil, mas prazeroso, pois posso falar que, a cada dia, as coisas melhoram, novos olhares, novas parcerias, novos horizontes e novos desafios.

A missão de ensinar é algo sublime, transformador na vida dos nossos discentes. Embora seja um caminho árduo, com vários espinhos, tropeços e até mesmo desencontros, não podemos nunca esquecer que isso foi uma escolha e não uma punição para quem ensina.

Acolher crianças e adolescentes em uma escola faz parte do currículo de qualquer unidade escolar, mas nem sempre isso acontece de forma correta. Não importa qual necessidade este aluno possui, seja ele com deficiência, transtornos, problemas emocionais, comportamentais ou familiares. O acolhimento para qualquer sujeito deve ser da mesma forma.

Somos a porta de entrada, devemos ser o espelho para todos, sabendo lidar com toda esta situação que nos cerca. Sejamos exemplo, sejamos espelho, sejamos um modelo para que todos possam nos seguir. Modelo este de amor, empatia, carisma, respeito, solidariedade e gratidão. Assim a inclusão escolar/ educacional acontecerá de forma mais leve, harmoniosa e com um futuro brilhante para todos os envolvidos.

Acredito que somos capazes de conseguir embarcar nesta viagem, junto com toda uma equipe, para que possamos sempre chegar no nosso destino de forma saudável, completa e amorosa.

Diante deste cenário em que vivo desde que me formei, junto com minha bagagem de estudos e reflexões, cheguei em um estágio que cursos curtos não agregavam mais tanto quanto um mestrado em educação. Por este motivo, cheguei

ao curso de mestrado em educação. Decidi que quero pesquisar, quero correr atrás de soluções para diversos problemas que ainda encontramos.

Devido a minha vasta experiência dentro de uma escola pública, onde nossos alunos com deficiência, a cada dia, são incluídos na sala regular, estou, cada dia mais, atenta a forma como as adaptações curriculares estão sendo realizadas com estas crianças. Estou considerando qual a importância de trabalhar com a nova abordagem DUA (Desenho Universal para Aprendizagem) dentro das nossas escolas.

Por estar inserida dentro deste contexto e não saber as respostas para colocar em prática uma lei tão significativa e de muita importância, não me deixei permitir realizar uma pesquisa que não fosse neste caminho. Problemas acerca da inclusão são diversos e precisam ser mais estudados e reconhecidos por todos que fazem parte deste contexto. Muitas lacunas, muitos obstáculos, muitas controvérsias, só poderão ser sanadas se tivermos um olhar crítico e empático.

Sendo assim, eis me aqui, vamos à luta, pois temos bastante trabalho pela frente.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar baseia-se na garantia de todos os estudantes terem acesso, de forma igualitária ao ensino. Para que haja a inclusão, de forma efetiva, são necessárias ações concretas por parte de toda equipe escolar, desde a gestão até a comunidade escolar, como um todo.

As escolas precisam estar preparadas em todos os sentidos, garantindo a acessibilidade e autonomia a todos os estudantes. Mas também devem investir também na formação dos professores que, muitas vezes, não estão capacitados o suficiente para compreender as necessidades educacionais específicas de cada estudante, com ou sem deficiência.

O novo modelo de educação especial, que vem ao encontro do paradigma da inclusão, demanda o oferecimento do atendimento educacional especializado (AEE). O AEE é um dever do Estado e por isso, é muito importante garantir que ele ocorra na prática. De acordo com o artigo 54, inciso III, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), deve-se oferecer o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1990, p.44).

A mudança exigida pelo novo modelo é um grande desafio para a escola. Mas os profissionais da educação, incluindo os professores, podem construir juntos uma intervenção com ótimos resultados, tanto no âmbito escolar quanto no social, preparando o estudante para os desafios que irão enfrentar ao longo da vida.

Os problemas acerca da inclusão escolar são diversos e precisam ser mais estudados e reconhecidos por todos que fazem parte deste contexto. Muitas lacunas, muitos obstáculos, muitas controvérsias só poderão ser sanadas se tivermos um olhar tanto crítico quanto empático sobre estes temas. Com isso, optamos em trabalhar a abordagem curricular, visto que, ela é fundamental para considerar o estudante em sua singularidade, mas também no contexto geral com demais estudantes. Importa-nos pensar a educação para todos e cada um.

Em se tratando de abordagens curriculares, damos ênfase ao Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) que busca apoiar os professores ao atender as diferenças dentro da escola. Trata-se de uma abordagem curricular acessível que, além de enfrentar as monoculturas do saber, trabalha respeitando cada um dentro do espaço escolar, removendo barreiras pedagógicas para o ensino de todos os estudantes (COSTA-RENDERS, 2020).

Ao nos fundamentarmos no DUA como uma abordagem curricular acessível, teremos as bases para a construção da prática pedagógica acessível. A partir disso, optamos por intensificar ações mais específicas em determinado caso – a inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA).

Segundo Organização Pan Americana de Saúde - OPAS (2021), o TEA se relaciona a uma série de condições que possuem características com algum grau de comprometimento em relação comportamental, comunicação e linguagem, além do extremo interesse em atividades únicas e repetitivas. Todavia, um dos grandes desafios ao trabalhar com estudantes com TEA no processo de inclusão escolar, é conseguir compreender as peculiaridades de cada estudante, de forma única, porém, analisando a sala de aula como um todo, ou seja, sujeitos com e sem TEA. Com isso, nesta investigação, buscamos responder a seguinte questão: como construir uma prática pedagógica acessível em uma sala de aula onde há estudantes com e sem TEA?

Os sujeitos participantes desta pesquisa são 06 professores da rede regular de ensino pública que atuam em sala de aula onde há estudantes com TEA. O objetivo geral foi investigar como os princípios do DUA podem contribuir para a construção de uma aula acessível em sala de aula onde há estudantes com e sem TEA. Os objetivos específicos foram:

- Elencar e compreender a percepção dos professores sobre as principais barreiras enfrentadas pelos estudantes com TEA no cotidiano de uma sala de aula;

- Promover a reflexão, junto aos professores e professoras, sobre o DUA como novo paradigma para a prática pedagógica acessível;
- Construir, com base nos princípios do DUA, um produto educacional que apoie a prática pedagógica acessível em sala de aula onde há estudantes com e sem TEA.

Nesta perspectiva, propomos uma pesquisa narrativa, pois entendemos que seus procedimentos foram mais indicados para atender nossos objetivos. Poderá, portanto, gerar um conteúdo de muita relevância, não só aos sujeitos participantes envolvidos, mas como a sociedade em geral.

Passemos às seções deste relatório de pesquisa. Na primeira seção, tratamos da inclusão escolar dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Abordamos a educação inclusiva como novo paradigma para a educação especial a partir de uma retomada histórica das políticas públicas, bem como destacamos o caso da inclusão escolar dos estudantes com TEA - as principais características e desafios do processo inclusivo.

Na segunda seção, abordamos o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e suas principais características, com destaque para os princípios mais relevantes que apoiam a aula acessível.

Posteriormente, na seção 3, detalhamos as questões referentes aos procedimentos metodológicos como: caracterização do campo e sujeitos de pesquisa e etapas e instrumentos que serão utilizados.

Por fim, foi contextualizada a construção do produto educacional, o qual será destinado a professores da rede regular que buscam uma prática pedagógica inclusiva, contribuindo no processo de construção de uma aula acessível para estudantes com e sem TEA.

2 A INCLUSÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Nesta primeira seção, tratamos da inclusão escolar das pessoas com Transtorno Espectro Autista (TEA). Abordamos o histórico do tema, as principais definições, além dos desafios do processo inclusivo. Partimos do pressuposto da educação inclusiva como novo paradigma para a educação especial.

2.1 A educação inclusiva e o novo paradigma para a educação especial

Quando nos referimos às políticas públicas que, no cenário nacional, são a base para a educação na perspectiva inclusiva, elas vêm se modificando ao longo dos anos, tendo como objetivo central a igualdade de acesso de todos os estudantes ao contexto escolar. Isso tem exigido a construção da equiparação de oportunidades educacionais também para os estudantes elegíveis à educação especial no sistema regular de ensino.

Estas políticas estão baseadas em diversas leis e decretos, tais como: Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), Constituição Federal (1988), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), Declaração de Salamanca (1994), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (2012), entre outras.

A seguir, o quadro 1 apresenta os marcos históricos da educação especial no período de 1854 a 2007, de acordo com a Política Nacional da Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008).

Quadro 1 – Marcos históricos da educação especial

PERÍODO	MARCO HISTÓRICO
1854	Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant – IBC.
1857	Instituto dos Surdos Mudos, atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES.
1926	Instituto Pestalozzi (instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental).
1945	Primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.
1954	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE.
1961	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 4.024/61.
1971	A Lei nº. 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961.
1973	É criado no MEC, o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP.
1988	A Constituição Federal traz como um dos seus objetivos fundamentais, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.
1990	- O Estatuto da Criança e do Adolescente; - Lei nº. 8.069/90; - Declaração Mundial de Educação para Todos.
1994	- Declaração de Salamanca; - Política Nacional de Educação Especial.
1996	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96
1999	Decreto nº 3.298 que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
2001	- Resolução CNE/CEB nº 2/2001; - Plano Nacional de Educação - PNE, Lei nº 10.172/2001 - A Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001.

2002	<ul style="list-style-type: none"> - Resolução CNE/CP nº1/2002; - Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão; - Portaria nº 2.678/02 aprova diretriz e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do Sistema Braille em todas as modalidades de ensino.
2003	- O Ministério da Educação cria o Programa Educação Inclusiva.
2004	- Decreto nº 5.296/04 regulamentou as leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.
2005	<ul style="list-style-type: none"> - Lei nº 10.436/2002, visando a inclusão dos alunos surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular; - Implantação dos Núcleos de Atividade das Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S em todos os estados e no Distrito Federal.
2006	<p>A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lançamento do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.
2007	<ul style="list-style-type: none"> - Plano de Aceleração do Crescimento - PAC, é lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE - Decreto nº 6.094/2007 estabelece a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas.
2008	Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva no ano de 2008
2011	Decreto 7.611/ 2011 - Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.
2012	Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista
2017	Plano Educacional individualizado (PEI)

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Há muitos fatos marcantes, desde 1854, eventos e fatos importantes principalmente no que se refere às políticas públicas. Com isso, a educação especial

foi se renovando e aprimorando-se cada vez mais, até chegar aos dias atuais como uma modalidade transversal no sistema de ensino.

O novo modelo de educação especial, que vem ao encontro do paradigma da inclusão, demanda o oferecimento do atendimento educacional especializado (AEE). O AEE é um dever do Estado e por isso, é muito importante garantir com que ele ocorra na prática.

O atendimento educacional especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB),

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996).

Outra questão importante em relação as políticas públicas que se referem a inclusão, trata-se da acessibilidade prevista na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/15, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência ou LBI.

Além da garantia da matrícula na rede regular de ensino, estabeleceu a prerrogativa de total acessibilidade, uso da tecnologia assistiva adequada, de materiais e de equipamentos para apoio técnico profissional e a capacitação continuada aos que participam do processo de inclusão escolar (BRASIL, 2015).

A acessibilidade vai além de soluções técnica simples que beneficiam todas as pessoas. Há a tecnologia assistiva, direcionada as pessoas com deficiência para solucionar questões específicas dos sujeitos. Por exemplo, uma cadeira de rodas motorizada para uma pessoa com deficiência física ou mesmo um recurso de comunicação alternativa para a pessoa com TEA.

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015, considera-se tecnologia assistiva ou ajuda técnica,

[...] produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015).

É fundamental o acesso de todos os estudantes a esses recursos, mas fundamental também é a devida capacitação de todos os envolvidos no processo inclusivo (professores, gestão, pais e/ou responsáveis). Por vezes, serão necessárias as parcerias com os profissionais especialistas no uso da tecnologia assistiva.

Se tratando de organização de aula, não poderia deixar de ser citada a importância do Plano Educacional Individualizado (PEI). Trata-se de um documento elaborado pelo professor a partir de uma avaliação de um estudante com necessidade educacional específica. Ele é construído pelo professor para o levantamento das necessidades e habilidades desses estudantes (BRASIL, 2017).

Cada aluno é único e aprende, portanto, de maneira diferente, e o PEI visa registrar esse caráter individual de cada aluno para que, usando estratégias adequadas, ele possa aprender, assim como os outros estudantes, no ensino regular (BRASIL, 2017).

Embora o PEI seja um documento muito utilizado por várias instituições, não podemos nos prender a ele, pois assim estaremos minimizando a forma como abordar e chegar a todos os alunos, sejam eles com ou sem deficiência. Não podemos “engessar” algo tão complexo em um plano individual. Ao longo dos anos, na caminhada inclusiva, vemos que este documento foi apenas o primeiro passo e que atualmente ele precisa ser ressignificado com base no DUA. Importa, considerar todos e cada um no planejamento do ensino inclusivo.

O PEI remete a uma abordagem individual, sem abranger a todos. Com o DUA conseguimos ter uma visão mais ampla e, assim, contemplar a todos.

2.2 A inclusão escolar dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista

A inclusão do estudante com TEA na escola pública deve acontecer da maneira mais tranquila possível, a partir de um trabalho colaborativo, mas, para que isso ocorra, toda equipe precisa estar preparada, para desenvolver ações concretas a esses estudantes. Organizando as aulas, realizando planos, para que seus objetivos possam ser alcançados.

A educação é algo mais que essencial na vida de qualquer criança, mas nem sempre a criança com TEA está recebendo o mesmo tipo de atendimento que as demais. Este estudante também precisa ser respeitado, acolhido e ter sempre atividades que possam ser realizadas por eles de maneira acessível, tranquila e prazerosa. Nesta subseção, nos aproximamos dos desafios para a inclusão escola do estudante com TEA. Uma das primeiras definições do Transtorno do Espectro Autista é a seguinte.

Uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos (KANNER, 1943 apud TAMANHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008, p. 01).

Este conceito de autismo, situado em 1943, soa aos nossos ouvidos como algo discriminatório, embora as características ditas por ele, sejam referendadas por autores atuais. Há muitas fontes de referência médica ao que seja o chamado, atualmente, Transtorno do Espectro Autista (TEA).

De acordo com a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (2012),

Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível

de desenvolvimento;
II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.
§ 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais (BRASIL, 2012).

Segundo a Organização Pan Americana de Saúde - OPAS (2021), o TEA, se relaciona a uma série de condições que possuem características com algum grau de comprometimento em relação comportamental, comunicação e linguagem, além do extremo interesse em atividades únicas e repetitivas. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria – SBP (2019), o TEA tem origem ainda nos primeiros anos de vida, porém os sintomas não são aparentes, o que acaba dificultando o seu diagnóstico precoce e início rápido do tratamento.

Entendemos que, como mencionado anteriormente, importa que cada caso de sujeito com TEA seja avaliado de forma individualizada, levando em conta todos os fatores envolvidos: a gestação, até as intercorrências, desenvolvimento do bebê, parto e puerpério, e seu desenvolvimento ao longo dos anos, para que haja um correto diagnóstico. Além disso, às vezes o diagnóstico é confundido com outras deficiências ou déficits de aprendizagem.

O mais importante é que esse diagnóstico ocorra da forma mais precoce possível, para que assim ele possa ser guiado ao melhor tipo de abordagem médica e pedagógica, para que haja um melhor desenvolvimento da criança.

Figura 1 – Sinais sugestivos do TEA, no primeiro ano de vida



Fonte: Adaptado da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p.02).

Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (2017), calcula-se que o autismo afeta uma em cada 160 crianças no mundo, e que geralmente tem início na infância e persiste durante a adolescência e vida adulta.

Segundo dados do CDC (*Center of Diseases Control and Prevention*) apud Oliveira, (2016), estima-se que o Brasil possua cerca de 2 milhões de pessoas com TEA. São mais de 300 mil ocorrências só no Estado de São Paulo.

As causas do TEA ainda não foram totalmente definidas, mas, segundo Fadda e Cury (2016), a tese mais aceita atualmente refere-se à visão de que uma combinação de fatores genéticos e ambientais altera o funcionamento cerebral das pessoas com autismo.

De acordo com a literatura, os sujeitos com TEA apresentam uma série de alterações comportamentais, incluindo dificuldades de interação social e comunicação, seja verbal ou não verbal, e a realização de comportamentos repetitivos.

Os pacientes com TEA apresentam alterações comportamentais relacionadas às habilidades de comunicação e socialização podendo estar associadas a déficits cognitivos. Desta forma, torna-se importante a avaliação individualizada destes pacientes, a fim de direcionar a terapia através de estimulação, por práticas baseadas em evidências, de forma precoce e intensiva e treinamento de pais e cuidadores realizada por profissional capacitado, geralmente o psicólogo (SBP, 2019).

Segundo a visão médica, é muito importante estar atento aos primeiros sinais, e assim que observada qualquer alteração, deve-se procurar imediatamente um médico pediatra para que ele possa realizar todas as avaliações e exames necessários para o seu provável diagnóstico. Mas como podemos abordar este tema numa perspectiva pedagógica? Esse é o foco da nossa pesquisa.

Cada indivíduo é único e deve ser avaliado individualmente, levando em consideração seus aspectos clínicos, psicológicos, familiares, pedagógicos, entre outros. Apesar da maioria apresentar as características descritas acima, isso também pode variar de um indivíduo a outro. Todo ser humano é único.

Quanto aos direitos das pessoas com TEA, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (2012) dispõe o seguinte.

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

IV - o acesso:

- a) à educação e ao ensino profissionalizante;
- b) à moradia, inclusive à residência protegida;
- c) ao mercado de trabalho;
- d) à previdência social e à assistência social.

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular,

nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado (BRASIL, 2012).

A inclusão do estudante com TEA na escola pública deve acontecer da maneira mais acessível possível, mas para que isso ocorra toda equipe precisa estar preparada. Organizar as aulas, preparar materiais de apoio, realizar planos para que seus objetivos possam ser alcançados é um dos pontos primordiais do/a educador/a. Independentemente de qual seja este estudante, importa ir pensando sempre no bem comum.

Este é um grande desafio para a escola. Mas os profissionais da educação, incluindo os professores, podem construir juntos uma intervenção com ótimos resultados, tanto no âmbito escolar quanto no social, preparando o estudante para os desafios que irá enfrentar ao longo da vida, com suas diferenças e enfrentamento cotidiano de barreiras.

Quando consideramos o bem comum, pensamos em todos os nossos estudantes, sendo a criança com TEA incluída neste contexto, onde o aprendizado chega para a melhor qualidade de vida dentro e fora do contexto escolar.

Uma das responsabilidades do educador é a de intervir na vida humana por meio da reflexão e da ação reflexiva, geradoras de estratégias pedagógicas para o bem comum do educando. Logo, se é impossível fazer de conta que o autismo não existe, certamente podemos, enquanto educadores, nos dispormos à busca de maneiras inovadoras, facilitadoras, diferenciadas e produtivas para a construção de uma melhor qualidade de vida para a pessoa com autismo (ORRU, 2003, p. 01).

Enquanto os profissionais/educadores que rodeiam os educandos com TEA não tomarem consciência que o mero treinamento não é suficiente, muitos obstáculos ainda encontraremos para que haja uma educação com qualidade. Pensar neste educando como sujeito, de maneira integral, fará com que este treinamento não seja necessário.

Falta ao autista uma abordagem educacional que não se reduza ao treinamento de habilidades de comunicação, mas sim que esteja aberta à sua constituição enquanto sujeito, a partir do desenvolvimento da linguagem, da interação social, de sua contextualização histórica. Nessa perspectiva, a CSA é utilizada como mediador simbólico para auxiliar na construção da

linguagem que traz consigo a possibilidade de produção de significações, geradas na relação com o outro, em ambientes culturalmente contextualizados (ORRU, 2010, p. 08).

Não é “treinando estudantes autistas” como dizem alguns educadores que vamos construir comportamentos adequados nas pessoas com TEA. Não se trata de construir comportamento adequado, mas sim considerar o ambiente social e escolar. Afinal, quantas são as barreiras impostas aos sujeitos com TEA?

Desde a mais tenra idade a criança constrói seu comportamento a partir da influência do que acontece, assimilando habilidades diversas que foram construídas no processo da história social. Pela fala, as outras pessoas lhe repassam os conhecimentos rudimentares e num tempo vindouro, por meio da linguagem, assimila as mais importantes aquisições da humanidade no espaço escolar (ORRU, 2008, p.04).

A educação é algo mais que essencial na vida de qualquer criança, mas nem sempre a criança com TEA está recebendo os mesmos tipos de atendimento que as demais. O estudante com TEA precisa ser respeitado, acolhido e ter sempre atividades que possam ser realizadas por eles de maneira acessível, tranquila e prazerosa.

Segundo a Associação Amigos do Autista - AMA (2022), os métodos mais eficientes e eficazes utilizados para ensino-aprendizagem desses estudantes são: o TEACCH, que visa a independência e o aprendizado; o ABA, com o objetivo de incrementar comportamentos socialmente significativos, reduzir comportamentos indesejáveis e desenvolver habilidades.

De acordo com Barbosa e França (2020), esses métodos auxiliam no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, os fatores que potencializam o processo de ensino-aprendizagem de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro do Autismo são os diferentes métodos apresentados, entre eles destacam-se o ABA e TEACCH — métodos que utilizam como cerne as imagens, ilustrações e desenhos para o desenvolvimento da receptiva e expressiva (BARBOSA; FRANÇA, 2020, p. 14).

A principal característica do Método ABA é a utilização de consequências favoráveis ou positivas (reforçadoras). No início, essas consequências são extrínsecas (ex. uma guloseima, um brinquedo ou uma atividade preferida), porém, com o passar do tempo, o objetivo é que ela se torne intrínsecas. Durante o ensino, cada comportamento apresentado pela criança deve ser devidamente registrado para que ocorra a avaliação frequente do seu progresso (BEZERRA,2018).

No campo da educação dos estudantes com TEA, hoje esta perspectiva tem sido muito criticada, pois caso contrário vamos reforçar o comportamento deste aluno, não pensando como um todo.

Segundo Rosa (2022), apesar de ser um método muito utilizado é importante se atentar a necessidades de qualificação, para que estudantes com autismo tenham uma inclusão efetiva no ambiente escolar e consigam se desenvolver satisfatoriamente.

Em um trabalho realizado por Moraes, Ferras e Machado (2018), foram comparados os métodos ABA e Teacch e, em ambos foi possível chegar à conclusão das melhorias nos níveis de desenvolvimento das crianças com Transtorno do Espectro Autista, não somente em relação a normalização, mas na diminuição dos possíveis prejuízos para que eles possam viver da melhor maneira possível.

Outra abordagem relevante aos estudantes com TEA, é a tecnologia assistiva (TA), que, nada mais é, do que a disponibilização de materiais, recursos e estratégias, que podem propiciar ou amplificar as habilidades funcionais das pessoas com deficiência, melhorando seu aprendizado, sua rotina diária e sua inclusão social (BERSCH,2017).

Segundo Bettio e Giacomazzo (2020), no que se refere a tecnologia assistiva, ela está presente nas escolas, favorecendo, de fato, na aprendizagem dos estudantes com TEA, contribuindo para grandes melhorias na sua comunicação verbal e não verbal, porém, atentam-se ao fato da importância dos professores em utilizar adequadamente essas ferramentas.

É preciso ressaltar que todos os tipos e sistemas de tecnologia, tais como tecnologias assistivas, tecnologias digitais, tecnologias de informação e

comunicação, devem permear as seis dimensões da acessibilidade como suportes à realização de todos os direitos das pessoas com deficiência (SASSAKI, 2009, p.01)

Se tratando de estudantes com TEA, as modalidades mais utilizadas são o uso da comunicação aumentativa e alternativa, visto a dificuldade de comunicação e interação entre esses estudantes, adequação de materiais pedagógicos e principalmente o uso de recursos de informática, seja para elaboração dos materiais ou mesmo através de programas especiais e jogos (BERSCH, 2017).

No âmbito da autonomia, independência e qualidade de vida de uma pessoa sem comunicação verbal oral, a comunicação alternativa (CA) é primordial para a sua inclusão escolar. Podemos dizer que a CA:

[...] designa um conjunto de procedimentos técnicos e metodológicos direcionado a pessoas acometidas por alguma doença, deficiência, ou alguma outra situação momentânea que impede a comunicação com as demais pessoas por meio dos recursos usualmente utilizados, mais especificamente a fala (MANZINI, 2006, p. 4).

Uma das formas mais utilizadas são as pranchas de comunicação, segundo descreve Avila.

O processo de comunicação por meio de pranchas consiste em apontar para aquilo que se deseja expressar, comunicando através das imagens, palavras contidas na prancha, ou até mesmo formando palavras a partir do alfabeto, no caso de sujeitos letrados ou em processo de letramento. O ato de apontar pode variar segundo o grau de comprometimento motor do usuário da prancha. Em alguns casos utiliza-se CAA aliada a outras tecnologias assistivas, como apontadores, vocalizadores etc.(AVILA, 2011, p. 53).

Segue a ilustração de um modelo de pranchas de comunicação, retirado da página Tecnologia Assistiva.

Figura 2. Imagem ilustrativa “Pranchas de comunicação”



Fonte. Tecnologia Assistiva (*online*)

Há outras formas, como os cartões de comunicação. Cabe ao educador, avaliar a necessidade do aluno e adaptar a sua realidade na escola. Há possibilidades de comprar esses recursos, mas também de confeccioná-las, visto que, hoje em dia há sites gratuitos que auxiliam na sua confecção.

Figura 3. Imagem ilustrativa “Cartões de comunicação”



Fonte. Tecnologia Assistiva (*online*)

Segundo Chagas (*online*), é possível inferir que as tecnologias assistivas de comunicação alternativa são excelentes mecanismos para contornar as dificuldades de comunicação enfrentados por pessoas que apresentam as características do TEA e para as pessoas com TEA.

Segundo Bersch (2017), há outro recurso muito utilizado que são os vocalizadores, nada mais são que, um recurso eletrônico de gravação/reprodução que ajuda a comunicação das pessoas em seu dia a dia.

Figura 4. Imagem ilustrativa “Vocalizadores”



Fonte. Tecnologia Assistiva (online)

As mensagens são acessadas por teclas sobre as quais são colocadas imagens (fotos, símbolos, figuras) ou palavras, que correspondem ao conteúdo sonoro gravado. Também é um recurso muito utilizado por pessoas com TEA.

Independente do recurso a ser utilizado, o importante é sempre poder proporcionar ao estudante com TEA, uma independência maior, garantindo a inclusão, seja escolar ou social, ampliando o seu modo de se comunicar, garantindo a integração com a família e a sociedade.

3 DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM E A PROPOSTA DE ACESSIBILIDADE PEDAGÓGICA

Nesta segunda seção, vamos abordamos o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e suas principais características. Como o DUA trata da acessibilidade curricular, iniciamos refletindo sobre as condições de acessibilidade em sala de aula.

3.1 A necessária garantia das condições de acessibilidade em sala de aula

A educação inclusiva, ao considerar o respeito às diferenças humanas, baseia-se na proposta de todos os estudantes terem acesso, de forma equitativa ao ensino.

A educação inclusiva questiona a artificialidade das identidades normais e entende as diferenças como resultantes da multiplicidade, e não da diversidade, como comumente se proclama. Trata-se de uma educação que garante o direito à diferença e não à diversidade, pois assegurar o direito à diversidade é continuar na mesma, ou seja, é seguir reafirmando o idêntico (MANTOAN,2010,p. 8).

Segundo Sasaki (2009, p.01), a inclusão envolve um processo que os sistemas sociais passam por adequações para que atenda a todas as pessoas em sua diferença, “composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações”. Todavia, isto demanda que se garanta as condições de acessibilidade na sociedade e na escola.

A Lei N° 5.296 (Brasil, 2004), conhecida como Decreto de Acessibilidade, aponta que a acessibilidade é a condição que deve ser garantida para todo indivíduo que utiliza qualquer espaço. Segundo a NBR – 9050 (2020), acessibilidade é:

[...] possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e

instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida (ABNT, 2020).

Todavia, de acordo com Sasaki, há diferentes dimensões de acessibilidade. O quadro 2 descreve as mesmas.

Quadro 2 – Seis dimensões de acessibilidade, segundo Sasaki (2009)

DIMENSÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS
Arquitetônica	Sem barreiras físicas	Construção de rampas de acesso; banheiros adaptados, sinalização tátil
Comunicacional	Sem barreiras na comunicação entre pessoas	Difusão da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); Respeito ao código BRAILLE
Metodológica	Sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação, etc.	Lazer: Brinquedos adaptados Trabalho: Inserção no mercado de trabalho Educação: Direito à Educação
Instrumental	Sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios, etc.	Uso de órteses e próteses; uso de computadores e softwares.
Programática	Sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.	Políticas afirmativas para garantir a inserção em qualquer ambiente
Atitudinal	Sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência.	Pedagogia que respeite as diferenças; atividades colaborativas, programas contra o bullying

Fonte: Adaptado de Sasaki (2009, p.01)

Falar em acessibilidade vai além de uma mudança de ambiente, engloba dimensões muito importantes, fazendo com que possa ser vista como um todo. O início da vida escolar de qualquer pessoa, seja ela, com ou sem deficiência deve ser vista de forma integral.

Os professores podem construir juntos uma intervenção com ótimos resultados, tanto no âmbito escolar, quanto no profissional, preparando o estudante para os desafios que ela irá enfrentar ao longo da vida, com suas diferenças e particularidades.

Importa, portanto, considerar o desenvolvimento profissional docente no sentido da prática de ensino inclusivo. Segundo Nóvoa (2007), a formação do professor é muito focada em livros, ou seja, na parte teórica, e pouco na parte prática, que aliada a falta de experiência, só faz com que eles se sintam mais perdidos com todas essas questões.

Na educação inclusiva, a integração teoria/prática também trará vantagens, tanto ao estudante como a todos os envolvidos no processo, pois além de melhorar a qualidade escolar, ela poderá ser sentida, também em seu dia a dia.

Diante das experiências vivenciadas em ambiente escolar, pode-se observar que existem profissionais que ainda não possuem nenhuma especialização, nem mesmo, em educação especial, tornando-se cada vez mais difícil a compreensão das novas tecnologias.

A inclusão é receptividade, é acolhimento de todos, sem exceção, independentemente de condições físicas ou questões sociais. Nisso vale uma reflexão de Young (2016),

A pergunta-chave é: “um direito ao conhecimento para quem”? Para poucos ou para todos? As políticas atuais do governo levam em consideração as condições para qualquer extensão significativa do direito ao conhecimento? Ou contam amplamente com a escolha dos pais e as pressões do mercado? (YOUNG, 2016, p. 07).

A política de educação inclusiva ancora uma série de ações rumo às mudanças no ambiente escolar, desde as condições de acessibilidade até a formação contínua

de professores para atuarem nesta nova realidade da escola. Ou seja, ela demanda também recursos financeiros destinados a este fim.

A boa aplicação dos recursos na construção das condições de acessibilidade só traz vantagens tanto ao estudante como a todos os envolvidos no processo, pois além de melhorar a qualidade escolar, ela poderá ser sentida, também em seu dia a dia.

Na perspectiva pedagógica, é fundamental que haja adoção de estratégias diferenciadas que colaborem para o desenvolvimento do estudante em suas particularidades, mas sem que ele fique isolado em sala de aula. Mas importa considerar o estudante com e sem TEA que está inserido dentro desta sala de aula, analisando tudo de forma universal e singular ao mesmo tempo, localizando meios que possibilitem o desenvolvimento de todos os estudantes sem exceção.

3.2 Os princípios do desenho universal para aprendizagem apoiando a aula acessível

Como já vimos, a inclusão escolar vai além de normas, leis e decretos sobre o que deve se dar em um ambiente escolar. Ela traz um leque que abrange “pessoas e estratégias” individualizadas para que realmente se efetive. Saber que devemos dar atenção às crianças, jovens e adultos independentemente de sua dificuldade ou não, é dever de todos, como seres humanos. Mas isto demanda uma nova prática educativa, o que é um passo mais complexo.

Com efeito, universalizar o acesso à educação para todos, assegurar que todas as pessoas – crianças, jovens e adultos – tenham oportunidades educativas que vão ao encontro das suas necessidades de aprendizagem e promover a equidade constituem preocupações fundamentais assinaladas na Conferência Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990) e reafirmadas posteriormente. (NUNES; MADUREIRA, 2015, p.03).

O ser humano é diferente em sua maneira de ser e pensar, por este motivo lidar com a pluralidade é algo essencial dentro de uma unidade escolar. Para que possamos promover a equidade é preciso equacionar as diferenças a partir do

princípio da igualdade de direitos. Isto nos remete à acessibilidade e equiparação e oportunidades na escola.

O início desse novo ciclo foi através da Declaração de Salamanca (1994), sendo que todos os estudantes teriam seus direitos garantidos dentro da escola regular. Esse indivíduo terá seu acesso e permanência garantidos, bem como a qualidade de ensino.

Mais recentemente, na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2008), a educação inclusiva é reafirmada como um direito em todos os níveis de ensino e ao longo da vida, considerando-se que compete aos responsáveis pela educação a disponibilização de todos os apoios necessários (NUNES; MADUREIRA, 2015, p.03).

O Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) insere-se dentre estes apoios, como uma abordagem totalmente nova dentro da educação.

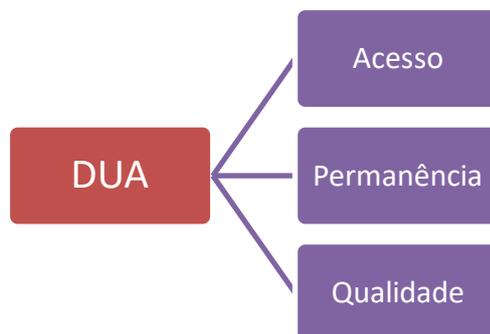
Ainda não temos profissionais suficientemente capacitados para trabalhar e colocar em prática tudo que a abordagem DUA traz como desafio para os profissionais de educação no sentido do ensino inclusivo. Segundo Mendes,

DUA se trata de um modelo prático que visa ampliar as oportunidades de desenvolvimento de cada estudante por meio de planejamento pedagógico contínuo, somado ao uso de mídias digitais. Seus autores apoiaram-se em extensivas pesquisas sobre o cérebro humano para estruturar o modelo (MENDES, 2017, n.p).

O DUA apoia o professor que deseja trabalhar com as diferenças dentro da escola e valorizar a pluralidade dentro de sua sala de aula. Alguns pontos não podem ser esquecidos ao se trabalhar com o DUA, como não se fixar no tempo e no espaço linear com as pedagogias tradicionais e trabalhar com a abordagem curricular acessível para todos os estudantes.

Segundo Nunes e Madureira (2015), “a transição do paradigma centrado no aluno para o paradigma centrado na escola” faz com que pensemos no DUA, pois assim, teremos um olhar no “todo”, na escola, independentemente das características de cada aprendiz.

Figura 5 – Tríade do Desenho Universal para Aprendizagem



Fonte: Adaptado de COSTA-RENDERS; AMARAL; OLIVEIRA, (2020.)

Quando falamos de acesso, conseguimos compreender como ponto inicial de todo o processo. Já a permanência é algo mais complexo, pois exige o olhar da escola e do profissional professor sobre o percurso escolar e a abordagem curricular acessível com qualidade. Tal perspectiva nos remete ao DUA.

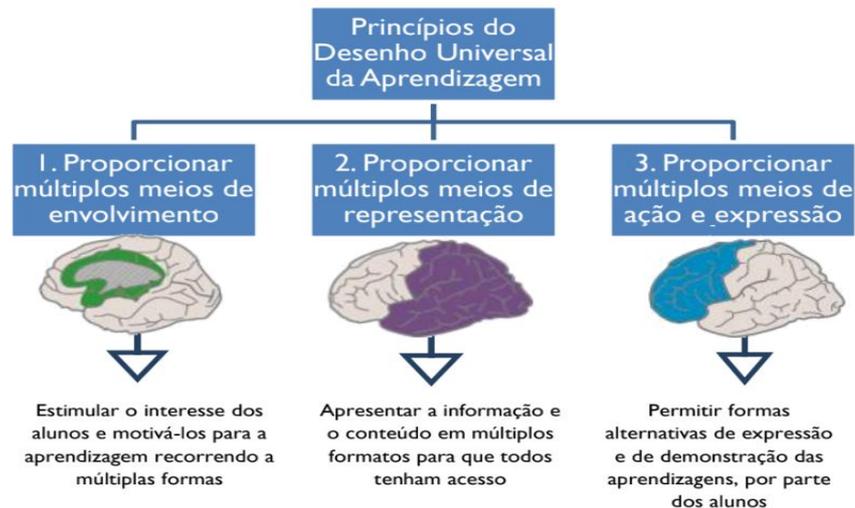
O DUA consiste em um conjunto de princípios baseados na pesquisa e constitui um modelo prático que objetiva maximizar as oportunidades de aprendizagem para todos os estudantes PAEE ou não. O DUA tem como objetivo auxiliar os educadores e demais profissionais a adotarem modos de ensino de aprendizagem adequados, escolhendo e desenvolvendo materiais e métodos eficientes, de forma que seja elaborado de forma mais justas e aprimorados para avaliar o progresso de todos os estudantes (ZERBATO; MENDES, 2018, p.150).

De acordo com Nunes e Madureira (2015), trabalhar com o DUA dentro da rede regular de ensino tem por objetivos:

- ✓ Eliminar barreiras;
- ✓ Pensar em todos os alunos (com e sem deficiência);
- ✓ Considerar o acesso ao currículo e a intervenção globalizada;
- ✓ Construir uma abordagem curricular acessível;
- ✓ Minimizar toda e qualquer dificuldade imposta ao aluno.

Portanto, o desenho universal para aprendizagem busca eliminar barreiras pedagógicas, garantindo a acessibilidade curricular. Na figura 6, podemos observar os princípios básicos do DUA.

Figura 6 – Princípios básicos do DUA (CAST, 2014)



Fonte: UDL Center apud NUNES; MADUREIRA (2015)

Os princípios do DUA se entrelaçam entre si. Não tem como não falar de um, sem falar de outro. Em relação ao primeiro princípio, deve-se proporcionar algo que motivem os alunos a terem interesse referente àquele aprendizado. Levando em conta o segundo, sobre os diferentes formatos no qual ele será apresentado, seja em texto, vídeo, softwares, entre outros. E por fim, o último princípio considerando as diferentes formas de demonstração dessa aprendizagem levando em conta a particularidade de cada estudante.

Segundo a tese de Silva (2022), os princípios do DUA servem como uma ótima base aos professores para se antecipar quando a questões de aprendizagem, podendo assim se certificar de ótimos meios de expressão e engajamento para atender a todos e a cada um.

Não que seja fácil para um professor conseguir manter a atenção de todos os alunos e, conseguir com que se interessem pelo conteúdo e nunca desistam de

aprender. Até porque, cada aluno aprende de uma forma, de uma maneira. Cada aluno usa seus conhecimentos prévios para aprender e o professor não pode deixar isso de lado e esquecer que seu aluno é uma “caixinha mágica”, e que poderá sair muitas surpresas a serem lapidadas.

Não existe uma receita pronta, um ideal, o que existe é um caminho a ser trilhado com amor, dedicação, empatia, respeito por aquilo que está sob a responsabilidade do aluno. Até porque lidamos com pessoas diferentes. “Epistemologicamente, o desenho universal para aprendizagem está no cenário da emergência de um novo paradigma. Trata-se do paradigma da inclusão que se pauta pela busca da garantia do acesso de todas as pessoas ao bem comum”. (COSTA-RENDERS; AMARAL; OLIVEIRA, 2020, p. 04).

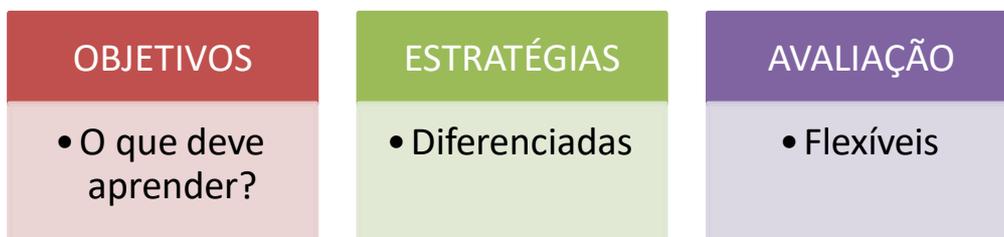
Não importa como ele vai ver aquele aprendizado, como vai aprender, cabe ao professor oportunizar este aprendizado para que possa ter um maior significado. Tudo é muito novo, muito sensível, principalmente quando falamos de crianças e, dizer que a abordagem DUA é um bom caminho a seguir, estamos eliminando barreiras e impedimento para aprendizagem. Mas, como é algo a ser estudado com muita cautela temos que refletir e levar nossos professores e gestores a refletir a respeito dessa abordagem.

Os desafios passam por pensar no currículo e não no aluno; pensar nos detalhes da gestão curricular e não nas limitações dos alunos, dizendo que não vai dar, ou que não vai conseguir, ou que não é possível. Para isso, é necessário estudo para planejar o ensino com flexibilidade. Mas o que seria flexível?

Figura 7 – Abordagem do DUA

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No que se refere a abordagem do DUA, importa ser flexível em todos os aspectos, tendo acesso a sala de aula e aos recursos, a partir de inúmeros modos de ensino e métodos de avaliação, levando sempre em conta a aprendizagem para todos.

Figura 8 – Objetivos, estratégias e avaliação do Desenho Universal para Aprendizagem

Fonte: Adaptado de NUNES; MADUREIRA (2015).

Os objetivos do DUA vão além dos objetivos tradicionais, eles demandam respeitar aquilo que realmente é viável e útil para que o aluno aprenda, com normas e estratégias diferenciadas, com olhar flexível para os resultados que serão obtidos.

Trabalhar com o DUA vai além de um plano de aula, um projeto pedagógico ou mesmo uma estratégia pedagógica, conforme Zerbato e Mendes (2018) apontam. Ele

pode ser um aliado em potencial no trabalho colaborativo para o favorecimento da inclusão escolar, construindo práticas pedagógicas acessíveis para a escolarização de todos em sala de aula do ensino comum.

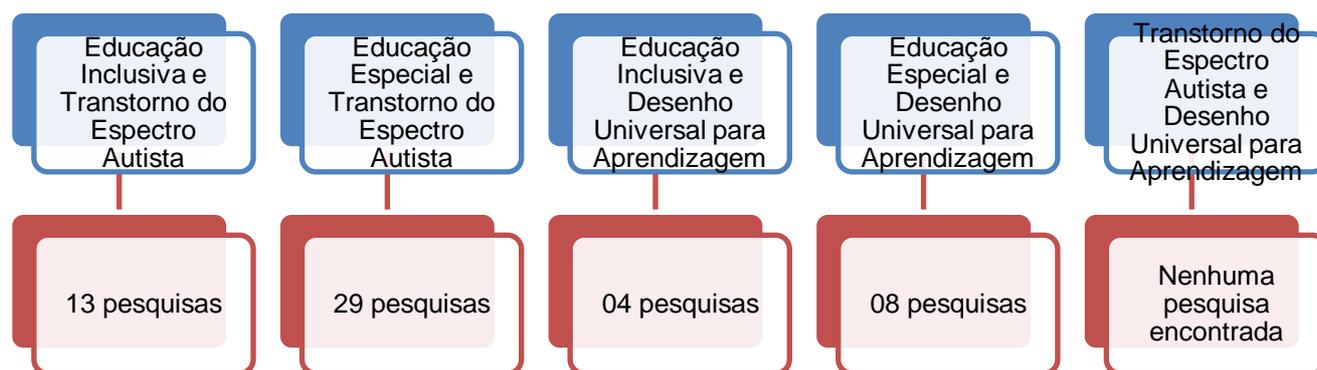
3.3 Levantamento de pesquisas correlatas

Esta investigação iniciou-se com uma revisão bibliográfica e o levantamento de pesquisas correlatas sobre o tema. Isto foi realizado em duas plataformas: Portal de artigos SCIELO e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Os descritores utilizados foram: educação inclusiva, transtorno do espectro autista (TEA), educação especial e desenho universal para aprendizagem (DUA). O período de busca foi dos últimos cinco anos (de 2018 a 2023), incluindo artigos científicos, teses, dissertações, monografias e livros.

Quando realizada a busca utilizando os 04 descritores simultaneamente, não foi localizada nenhuma pesquisa. Quando pesquisados individualmente, foi encontrado um vasto número de estudos. Posteriormente, foram realizadas novas buscas a partir da combinação de dois descritores, o que se pode observar no quadro 3.

Quadro 3 – Número de pesquisas encontradas na plataforma SCIELO, com a combinação de dois descritores



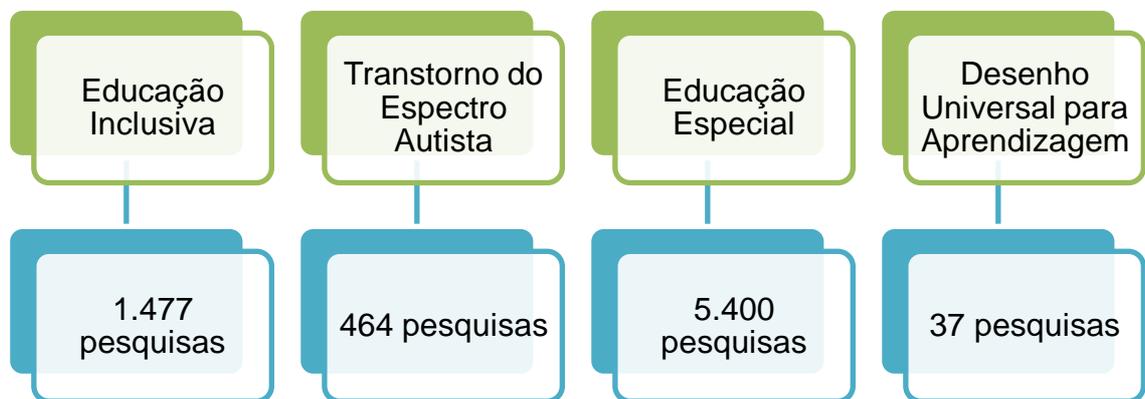
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Após avaliação criteriosa das pesquisas encontradas, apenas 02 foram relevantes, no que se refere ao tema proposto.

Zerbato e Mendes (2021), no artigo intitulado “ O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas”, tratam da importância de novas práticas pedagógicas no campo da educação especial. O DUA contribui para o ensino e aprendizagem em que não haja barreiras. Para isto é fundamental a formação inicial e continuada dos professores de forma a potencializar essas ações com base no DUA.

Oliveira, Muster e Gonçalves (2019), no estudo “Desenho Universal para Aprendizagem e Educação Inclusiva: uma Revisão Sistemática da Literatura Internacional”, apontam que foram encontrados poucos artigos sobre o DUA. A pesquisa indica a importância de que sejam realizadas mais pesquisas com foco nos princípios do DUA.

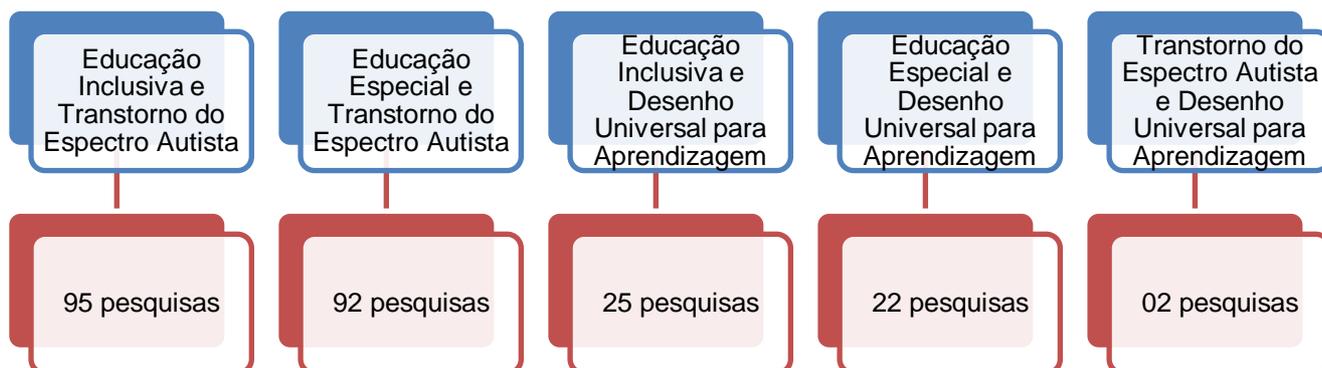
Quadro 4 – Número de pesquisas encontradas na plataforma BDTD, com os descritores pesquisados individualmente



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Posteriormente, foram realizadas novas buscas a partir da junção das palavras-chave, e pode-se observar no quadro 5.

Quadro 5 – Número de pesquisas encontradas na plataforma BDTD, com os descritores combinados

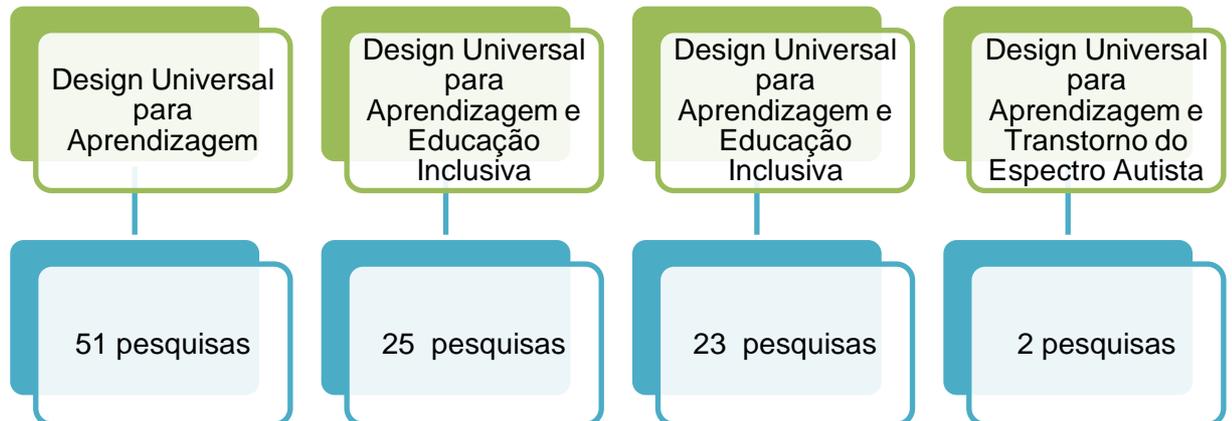


Fonte: Elaborado pela própria autora (2023).

Com base no refinamento das pesquisas, foram levantados 02 trabalhos que se referem ao tema proposto de DUA e TEA. Todavia, apenas um tratava sobre DUA, o outro apresentava adaptações curriculares, sem menção da abordagem do DUA.

Na tese de Macedo (2021), trata-se da formação de professores e processos cognitivos de aquisição de língua estrangeira, através da reconstrução de ações para a inclusão de uma aprendiz de língua inglesa autista. Os resultados encontrados apontam que, devido às particularidades do estudante com TEA, as técnicas pensadas nos parâmetros do DUA, a partir da reorganização da sistemática da sala de aula, a partir de tarefas de construções propostas foram benéficas para o engajamento e a interação via língua-alvo da aprendiz com seus colegas de turma, melhorando sua interação em sala de aula.

Quadro 6 – Número de pesquisas encontradas na plataforma BDTD, com a combinação de dois descritores, com utilização de outros termos para designar o DUA (Design – Desenho)



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dentre as pesquisas encontradas, mesmo utilizando o descritor “Design Universal para Aprendizagem” foram encontradas as mesmas pesquisas quando consultada o descritor “Desenho Universal para Aprendizagem”.

Através desses resultados, podemos observar que há um número reduzido de pesquisas sobre essa temática. Com isso, é muito importante que outros pesquisadores optem por esse caminho, em busca de novos desafios, ainda tão pouco explorado no campo da Educação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, abordamos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização desse projeto de pesquisa. Onde explicaremos todas as etapas que foram seguidas durante a realização da pesquisa. Desde a opção metodológica traçada até os detalhes referentes ao campo e sujeitos de pesquisa, e instrumentos utilizados.

4.1 Opção metodológica

Considerando os objetivos desta investigação, propomos uma pesquisa narrativa, pois este método de estudo permite aproximar a minha experiência profissional com histórias e experiências de outros professores. A narrativa é o método e ao mesmo tempo o fenômeno estudado, que abre um leque de oportunidades para trabalhar com professores.

Quando paramos, refletimos, analisamos e conseguimos trabalhar com base em nossa própria prática, os resultados poderão ser bem melhores por promover o pensamento reflexivo também no campo da educação inclusiva.

Segundo Chaves (2000, p.6) “ professores podem refletir sobre sua própria prática, articular valores e crenças, dar forma à teoria do ensino e aperfeiçoar o atendimento do processo decisório”. Ou seja, além de escrever e ouvir diversas histórias, a pesquisa narrativa também nos ajuda a ter um maior respeito ao próximo, pois deve-se estar atento aquilo que a pessoa vive e tem como experiência, colaborando para que o seu próprio trabalho seja realizado de uma outra forma.

A abordagem narrativa torna o pesquisador mais intimamente ligado ao processo investigativo, do que nos métodos quantitativos e estatísticos, por lidar de perto com as experiências humanas. Trabalhamos com o dito e com o não dito, dentro do contexto no qual a vida é vivida e o contexto da entrevista no qual as palavras são faladas para representar aquela vida (CHAVES, 2000, p. 90).

Várias indagações são realizadas em uma pesquisa narrativa que podem ser muito úteis na elaboração de um projeto, pois ela retoma memórias, emoções, experiências e proposições. Existem inúmeras formas de usar a narrativa, sendo que o professor/pesquisador terá seu tempo para observar e adentrar na narrativa que melhor lhe couber. Lidar com experiências humanas é uma via de mão dupla, pois precisamos saber escutar a “voz” do outro e deixar de lado o preconceito e o julgamento.

Os requisitos éticos foram atendidos a partir da integração desta pesquisa ao macroprojeto *Prática de ensino inclusiva: caminhos para uma abordagem curricular acessível nas escolas*, coordenado pela professora Elizabete Cristina Costa Renders, orientadora desta pesquisa. Este já foi aprovado pelo conselho de ética da USCS.

4.2 Etapas e instrumentos de pesquisa

Esta investigação foi organizada em duas etapas de pesquisa, sendo a primeira destinada à revisão bibliográfica e levantamento de pesquisas correlatas. A segunda etapa foi destinada à pesquisa de campo com professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde há alunos com e sem TEA. A seguir, apresentamos o quadro 7 que ilustra as ações em cada etapa da pesquisa.

Quadro 7 – Etapas da pesquisa

Etapa 1 – Revisão sistemática da literatura e elaboração de instrumentos			
Fase	Objetivo	Atividade	Instrumento
Fase 1		Revisão bibliográfica e levantamento de pesquisas correlatas	Bases de dados da BDTD e Scielo
Fase 2		Elaboração de questionário de sondagem: caracterização dos sujeitos e levantamento de situações problema	Google Forms
Etapa 2 – Pesquisa em campo			

Fase 1		Caracterização dos sujeitos e levantamento dos problemas	Aplicação do Questionário junto aos professores da unidade pesquisada
Fase 2		Recolha do material documentário – narrativas dos professores	Escrita de cartas pedagógicas sobre os desafios do ensino inclusivo numa sala onde há alunos com e sem TEA
Fase 3		Discussão das cartas coletadas, juntamente aos professores	Rodas de conversa
Etapa 3 – Desenvolvimento do produto educacional			
Fase 1		Design do produto	Manual da USCS
Fase 2		Desenvolvimento do produto	Canva
Fase 3		Disponibilização do produto	Canva
Etapa 4 – Sistematização e difusão dos resultados de pesquisa			
Fase 1		Escrita de Resumo Expandido	Anais de Congresso
Fase 2		Escrita de artigos	Revistas Qualis A
Fase 3		Escrita e submissão do texto final de pesquisa	CPG/USCS

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Neste percurso investigativo, primeiramente, a partir de uma sondagem informal junto aos professores no momento do “café da manhã”, conversamos sobre o processo de aprendizagem dos nossos alunos elegíveis aos serviços da educação especial na escola comum. Após este momento, elaboramos um questionário de sondagem (QS) com 5 (cinco) questões fechadas e 4 (quatro) questões abertas,

criando um meio para que pudéssemos compreender a demanda dos professores em relação ao tema abordado. O questionário foi enviado aos professores e professoras por meio do grupo de whatsapp da escola, disponibilizando-se o link do formulário do Google, o qual ficou aberto no período de 15 (quinze) dias.

Nesta etapa, foi necessário disponibilizar um pouco mais de tempo, devido a demanda dos professores na escola. Alguns reclamaram sobre a falta de tempo hábil para responde-lo.

Após a aplicação desse questionário, os 25 (vinte e cinco) professores dessa unidade escolar, que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, foram convidados a participar da sequência da pesquisa. Tratava-se da escrita de uma carta pedagógica direcionada a professores iniciantes, a partir do tema: como se constrói uma prática de ensino inclusiva em uma sala de aula onde há alunos com e sem TEA.

O critério de escolha dos professores para a escrita das cartas pedagógicas (CP) foi o aceite para participar de mais esta etapa da pesquisa dentro do prazo pré-determinado de 10 (dez) dias, sendo que todos deveriam ter atuado com alunos com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental.

Com isso, 06 (seis) professores concordaram com os critérios e escreveram as cartas pedagógicas (Anexos B,C,D,E,F,G). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os nomes verdadeiros dos professores não serão divulgados, foram utilizados nomes fictícios, para preservar a identidade dos mesmos.

Algumas cartas foram escritas “à mão” e enviadas por foto, via whatsapp, e algumas foram enviadas digitadas em word, por email. Através das cartas, os professores conseguiram expressar seus sentimentos, angústias e desejos a respeito daquilo que vivem no dia-a-dia, em sala de aula, no “chão” da escola com toda bagagem que possuem. Eles puderam colocar no papel alguns sonhos, medos e alegrias.

Após esta devolutiva, fiz o convite para que participassem de uma roda de conversa (RC) para discussão dos problemas levantados e sugestões para

planejamento da aula com DUA. Em comum acordo, definimos data e horário para nosso encontro que foi realizado via Google Meet.

Nessa roda de conversa, refletimos sobre as respostas dos questionários e as cartas enviadas, levantando pontos-chave para a reflexão, tais como:

- Quais barreiras precisam ser eliminadas na sala de aula para que o ensino seja inclusivo?
- Vamos pensar juntos algumas ações? Como temos ou podemos construir a acessibilidade para alunos com e sem TEA ?
- Como poderia aplicar o DUA, em suas aulas, atendendo o aluno com TEA e os demais?
- Que habilidades, gostos ou interesses seu aluno com TEA possui?
- Que direcionamentos do DUA podem nos apoiar?

A partir das indagações da pesquisadora, criamos uma apresentação de slides, que foi apresentada durante a RC. Com duração de aproximadamente 35 minutos, contamos com a participação de apenas 05 professoras que realizaram a escrita das cartas, visto que uma não pode participar por problemas pessoais. Houve partilha de experiências, desabafos, momentos de descontração. Ao final elas fizeram algumas sugestões a respeito do produto educacional e da sua importância para atuação dos professores.

4.3 Caracterização do campo de pesquisa

A Rede de Ensino de São Caetano do Sul, campo desta pesquisa, possui 20 (vinte) Escolas Municipais que atendem atualmente cerca de 13.500 mil alunos nos ensinos fundamental e médio.

Segundo uma reportagem do Jornal Diário do Grande ABC (2022), a Rede conta com 640 crianças matriculadas na educação especial, sendo que 445 estudantes possuem TEA (Transtorno do Espectro Autista). Para atender esses estudantes, as unidades contam com 46 professores de Atendimento Educacional

Especializado – média de 14 crianças para cada docente. Também são ofertadas 18 salas de recursos multifuncionais e 200 cuidadores, que prestam serviço de alimentação, deslocamento e higiene.

A escola selecionada como campo de pesquisa foi a EMEF Elvira Paolilo Braido, localizada no Bairro Osvaldo Cruz. A justificativa para a escolha é que atualmente leciono nessa escola e pude observar os desafios da inclusão escolar dos estudantes com TEA.

No que se refere a infraestrutura, ela é bem acessível. Possui dependências com acessibilidade, sanitário com acessibilidade, laboratório de ciências, sala de leitura, quadra de esportes, sala de Atendimento Especial, além de fornecer alimentação aos estudantes. De acordo com o último Censo Escolar (2021), do INEP, são 397 alunos matriculados nos anos iniciais, 461 alunos nos anos finais, sendo 11 matrículas referentes a Educação Especial.

4.4 Caracterização dos sujeitos de pesquisa

Para a escolha dos participantes da pesquisa, foram convidados todos aqueles que atuam na rede de ensino escolhida como campo de pesquisa. Disponibilizado o questionário, foram obtidas 30 respostas.

Como podemos observar na Figura 9, a grande maioria dos participantes (86,7%) atuam como professores há mais de 03 anos. Com isso podemos concluir que são profissionais experientes na área da educação.

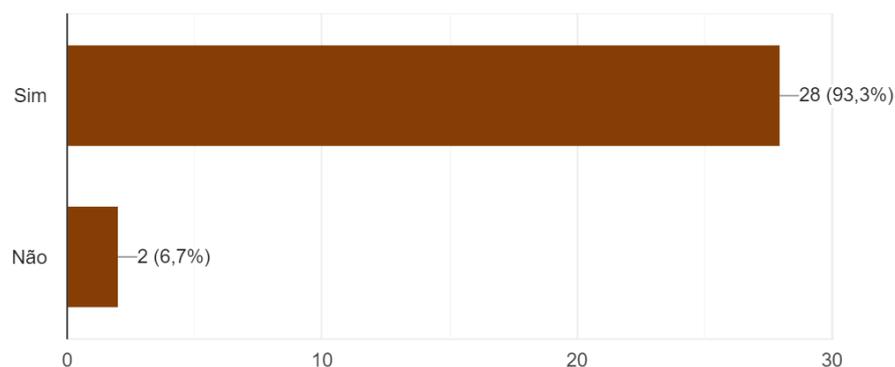
Figura 9 – Tempo de atuação dos professores na rede pesquisada



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Levando isso em conta, a grande maioria (93,3%) já trabalhou em salas onde havia alunos com e sem TEA, como demonstra a figura abaixo.

Figura 10 – Atuação dos professores em salas de aula com alunos com e sem TEA



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

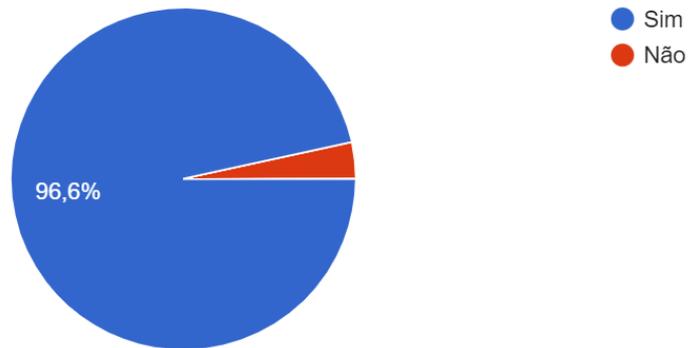
Essa figura demonstra a elevada quantidade de alunos com TEA e o quanto é importante esses profissionais estarem preparados para recebê-los e dispostos a aprender cada vez mais sobre a melhor forma de abordagem pedagógica. Algo refletido a partir da importância do DUA.

A partir do questionamento sobre seu trabalho, foi levantada a questão se eles encontravam dificuldades para a prática de ensino inclusiva, 96,6% informaram que sim, como demonstra a figura 11.

Figura 11 – Dificuldade com a prática de ensino inclusiva

Se sim, você encontrou dificuldades para a prática de ensino inclusiva?

29 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Quando solicitados a indicar suas dificuldades com a prática de ensino inclusiva, os respondentes do questionário relataram os seguintes desafios neste processo:

- Adaptação das atividades;
- Falta de respaldo da escola;
- Grande quantidade de alunos com TEA numa sala de 30 alunos sem TEA;
- Compreensão do que mais chama a atenção de uma criança com TEA, para assim potencializar seu conhecimentos/curiosidades;
- Interação com aluno no sentido da busca de melhorar a interação social;
- Falta de apoio e da disponibilização de materiais e recursos, bem como o acesso aos equipamentos;
- Falta de formação e experiência para atuar junto ao estudante TEA;

- A dificuldade em fazer com que alunos com TEA sigam a rotina e a regras em sala de aula;
- Falta de estratégia para atender as necessidades do aluno com TEA de forma que alcance a aprendizagem;
- Oferecimento da atenção individualizada e atenção específica com sala lotada;
- Atuação junto às famílias;
- O tempo para atender ou dar atenção a todos juntos, com conteúdos acessíveis a todos, de forma a inclui-los;
- Ausência de material de apoio eficaz para trabalhar com discente e de local diferenciado para os momentos de desestabilidade emocional do aluno com TEA;
- Atuação nas demandas com as quais ainda não possui conhecimentos específicos.

Estes relatos confirmam a importância da discussão do tema tanto no âmbito geral que é o da inclusão escolar como aproximando-o do DUA. Entendemos que esta abordagem pedagógica pode ser fundamental no trabalho desses professores em sala de aula para minimizar ou eliminar as dificuldades apontadas.

Após a finalização desta sondagem, foram escolhidos os professores e professoras para a fase seguinte da pesquisa composta pela escrita da carta e roda de conversa. O critério de escolha de professores para a escrita das cartas pedagógicas foi o aceite para participar de mais uma etapa da pesquisa dentro do prazo pré-determinado de 10 (dez) dias. Todos deveriam atuar em salas nos anos iniciais do ensino fundamental com alunos com TEA.

5 A PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE AS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Nesta seção, destacamos alguns aspectos apontados nas cartas pedagógicas e na roda de conversa. No entanto, importa destacar que foram poucos os elementos apontados nas cartas pedagógicas, elas foram poucas extensas e apresentaram pouca complexidade na reflexão sobre os desafios e avanços no processo de inclusão escolar dos alunos com TEA.

5.1 Em perspectiva a percepção dos professores e professoras sobre as barreiras em sala de aula

Segundo as cartas pedagógicas escritas por professoras engajadas na educação inclusiva, a cada dia as barreiras ficam mais explícitas e parecem difíceis de serem eliminadas. No entanto, ao mesmo tempo, elas percebem que ainda existe um engajamento, nem que seja pela minoria, para que esta mudança ocorra.

Salas com excesso de lotação, falta de materiais e ambientes adaptados que contemplem o maior número de estudantes, a falta de profissionais que possam desenvolver um trabalho conjunto. E em meio a tudo isso está o professor, que tenta diariamente adaptar o currículo e desenvolver atividades atrativas e eficazes que contemplem e contribuam para o bom desenvolvimento do estudante com ou sem TEA. (Ana, CP, Relato 1)

Quando elas falam em tentar adaptar algo para o aluno com TEA, é possível perceber o engajamento citado acima, pois mesmo diante da situação em que se encontra, existe aí a vontade de conseguir realizar um bom trabalho. Mas é importante destacar que, segundo os princípios do DUA, o processo de inclusão escolar precisa superar a adaptação curricular. A abordagem curricular acessível para todos é o foco do DUA (CAST, 2014).

Os espaços públicos não estão adequados para receber as crianças com deficiência, assim gerando a exclusão. Temos um longo caminho a percorrer para eliminar as barreiras, arquitetônicas, atitudinais, urbanísticas, transporte,

comunicações e nas informações e tecnológicas. É um desafio. (KATIA, CP, Relato 5)

As professoras também apontaram que o excessivo número de alunos em sala de aula, sem o apoio de outro profissional da área, faz com que os professores se desmotivam. Um dos respondentes do questionário de sondagem mencionou:

Ausência de material de apoio eficaz para trabalhar com discente, local diversificado para momentos de desestabilidade emocional, trabalhar com demandas TEAs das quais ainda não possui conhecimentos específicos (QS, Relato 1).

Muitas escolas além de terem mais de um aluno com bastante dificuldade de aprendizagem, não possuem espaço físico adequado para todos, por exemplo, espaços diferenciados e abertos a atividades fora da sala de aula. Algo fundamental para todos os alunos, especialmente para os alunos com TEA.

A falta de um olhar diferenciado por parte de todos que lidam direta e indiretamente com o estudante, respeitando suas necessidades como um todo. Não basta só adaptar as atividades. A adaptação vai além das paredes da sala de aula (QS, Relato 4).

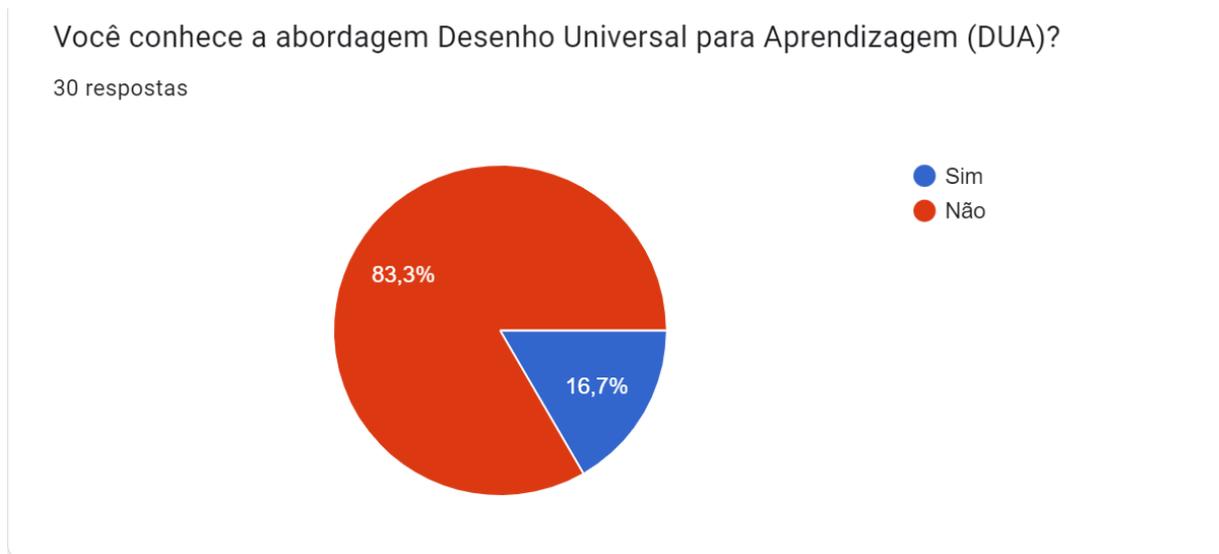
Embora os professores possuam força de vontade, entusiasmo e amor para com as crianças, vimos que isso não é suficiente para que este trabalho seja eficaz e significativo. Professores precisam de suporte para o seu trabalho, como novos recursos humanos, tecnológicos e materiais.

5.2 O desconhecimento do DUA como novo paradigma para a prática de ensino acessível

O DUA é uma abordagem nova na área da educação, mesmo com tantos estudos no campo da educação inclusiva, percebe-se que estamos bem distantes do total entendimento a respeito do assunto. Há poucas iniciativas da equipe pedagógica das escolas para promover esta formação no sentido de colocá-la em prática.

Trabalhar com o DUA é uma das formas para que todos os alunos possam estar realmente incluídos dentro de uma sala de aula, independentemente de qualquer deficiência ou diferença. A figura 12 aponta os dados do questionário de sondagem no que se refere ao conhecimento dos professores em relação ao DUA.

Figura 12 – Conhecimento dos professores sobre o DUA



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Como podemos observar, a grande maioria (83,3%) dos respondentes desconhece o desenho universal para aprendizagem. Quando questionado de que forma o DUA aparece em seu plano de aula, alguns citaram o uso de atividades mais lúdicas com cores e uso de comandos fáceis.

As cartas apontaram o desconhecimento do tema por parte do corpo docente da rede pesquisadas. Isto também ocorreu na roda de conversa, foi pois dito por uma das professoras, "*Não faço ideia por onde começar, pois agora eu ouvi dizer sobre o DUA. Nunca tinha ouvido*" (Professora Marlene, RC, Relato 1)

Diante da narrativa da professora Marlene, podemos ver o distanciamento e o conhecimento do DUA. Quando se faz uma afirmação como esta, podemos perceber a falta de repertório teórico e prático para se iniciar o trabalho com os princípios do

desenho universal para aprendizagem. Este fato aponta para a relevância de pesquisas formativas junto aos professores que atuam na educação básica e vivem diariamente o desafio da construção da educação inclusiva.

A formação do professor, que não se relaciona apenas a um curso de Pedagogia, muitas vezes se reduz a sua formação inicial. Mas o desenvolvimento profissional docente vai além disso. Entendemos que pesquisas aplicadas que tenham como tema central do desenho universal para aprendizagem (DUA) tem um potencial formativo importante e podem contribuir para a difusão do DUA nas escolas públicas brasileiras. O que vem ao encontro das ponderações de Nóvoa.

A formação de professores deve criar as condições para uma renovação, recomposição, do trabalho pedagógico, nos planos individual e colectivo. Para isso, é necessário que os professores realizem estudos de análise das realidades escolares e do trabalho docente (NÓVOA, 2017, p.23).

Conforme a citação acima, trata-se de uma “renovação”. Isso é extremamente importante em qualquer área de atuação e principalmente na educação. Tanto na questão individual quanto no coletivo. A partir do momento em que o professor tiver o conhecimento do DUA, ele poderá aplicá-la em sala de aula, podendo obter avanços no desenvolvimento dos alunos, com e sem TEA.

5.3 O reconhecimento dos princípios da educação inclusiva como base para o ensino acessível

Para que um professor ou mesmo uma pessoa que não seja professor reconheça determinada situação há de ter sempre em mente a empatia, primeiro sinal de que reconhece o outro como ele é. Após este primeiro passo, importa respeitar as leis que asseguram o acesso e permanência de alunos com e sem deficiência em todas as escolas é uma exigência. Ou seja, a inclusão escolar é um direito garantido pelo marco regulatório e pelas políticas educacionais brasileiras.

Neste cenário, as professoras convidadas para participarem da pesquisa expõem a sua trajetória e a sua opinião a respeito da educação inclusiva. A professora Ana,

em sua carta pedagógica, relatou que o *“ensino centralizado no estudante é algo extremamente importante”* (Ana, CP, Relato 1). Um dos respondentes do questionário de sondagem, mencionou ainda a importância de *“dar conteúdos acessíveis a todos e incluí-los.”* (QS, Relato 2).

A frase “a todos”, indica que este professor, mesmo sem conhecer, segue um dos princípios do desenho universal para aprendizagem, pensando em todos os alunos e não apenas no aluno com deficiência ou dificuldade de aprendizagem. Ele parte da busca da garantia das condições de acessibilidade no processo de ensino e aprendizagem. Isto nos remete ao valor da acessibilidade defendido por Sasaki.

A acessibilidade é uma qualidade, uma facilidade que desejamos ver e ter em todos os contextos e aspectos da atividade humana. Se a acessibilidade for (ou tiver sido) projetada sob os princípios do desenho universal, ela beneficia todas as pessoas, tenham ou não qualquer tipo de deficiência (SASSAKI, 2009, p.02).

As cartas pedagógicas, ainda, apontaram para a questão dos laudos médicos nas escolas, assunto recorrente no campo da inclusão escolar de estudantes com deficiência. A professora Edna relata que concepções precisam ser transformadas rumo à escola inclusiva. *“O laudo não pode ser a prerrogativa, temos que ver essas questões pedagógicas e suas necessidades. Se pensarmos numa escola inclusiva, temos que mudar essa concepção.”* (Edna, CP, Relato 2).

Infelizmente muitos órgãos públicos ainda se prendem ao laudo médico e não permitem que os profissionais possam realizar o atendimento educacional especializado (AEE), deixando alguns estudantes excluídos deste serviço que é um direito.

O respeito à singularidade dos estudantes foi outro tema presente nas narrativas das professoras. Vejamos o que a carta pedagógica da professora Rosanea relata a respeito.

Sabemos o quanto nossa prática se reflete na vida de todos os nossos estudantes e a necessidade de um olhar específico para que ocorra a eliminação das barreiras propiciando que avancem com maior sucesso. (Rosanea, CP, Relato 6)

Ter um olhar singular para cada criança e conseguir realizar um trabalho coletivo e acessível é o caminho proposto pelo desenho universal para aprendizagem (DUA). Os respondentes do questionário de sondagem indicaram esta percepção como relevante no processo inclusivo, nos seguintes termos: “*cada pessoa tem suas particularidades, cada estudante com TEA tem um jeito de ser, conviver e aprender*” (QS, Relato 3).

O primeiro passo para que a educação comece a evoluir é o reconhecimento de que a base da educação inclusiva é o ensino acessível. É preciso investir no desenvolvimento profissional docente no campo da educação inclusiva (formação inicial e complementar, reflexão sobre a própria prática, etc.), bem como no desenvolvimento profissional da equipe de gestão escolar para que assim o DUA aconteça como uma possibilidade de prática pedagógica que promove a escola inclusiva.

6 PROPOSTA DE PRODUTO EDUCACIONAL

A partir da revisão bibliográfica e dos resultados obtidos na pesquisa de campo deste estudo de mestrado, propomos a elaboração de um produto educacional que busca apoiar professores e professoras que atuam no processo de inclusão escolar dos estudantes com TEA.

6.1 Contextualização

O público ao qual se dirige este produto educacional é composto por professores da rede regular que buscam uma prática pedagógica inclusiva. O objetivo, portanto, é contribuir com os professores da sala regular de ensino, no processo de construção de uma aula acessível para estudantes com e sem TEA.

Isto se deu por meio do desenvolvimento de um protótipo de objeto de aprendizagem baseado no desenho universal para aprendizagem (DUA). O DUA nos remete a uma abordagem curricular acessível que, além de enfrentar as monoculturas do saber na escola, propõe o respeito a cada aprendiz no espaço escolar, removendo barreiras pedagógicas e apoiando o ensino acessível para todos os estudantes. (COSTA-RENDERS, 2020).

A ideia inicial foi a criação de um objeto de aprendizagem a ser disponibilizado em um site dinâmico, informativo e atrativo ao público a quem se destina. A saber, professores e professoras interessados na prática de ensino inclusiva. Os Objetos de Aprendizagem (OAs) geralmente referem-se a materiais educacionais projetados e construídos, em pequenas unidades, com vistas a maximizar as situações de aprendizagem nas quais o recurso pode ser utilizado (TAROUCO, 2003 apud AMA, 2009). Segundo estes autores, a principal ideia é transformar o conteúdo educacional em pequenos blocos de conhecimento que podem ser reutilizados em vários ambientes de aprendizagem, seja essa informação em forma de uma imagem, uma página HTML, uma animação ou simulação.

A figura 13 ilustra o processo vivido pela pesquisadora ao elencar os limites e as possibilidades dos meios para disponibilização deste produto educacional pretendido.

Figura 13 – Linha do tempo da escolha do produto educacional



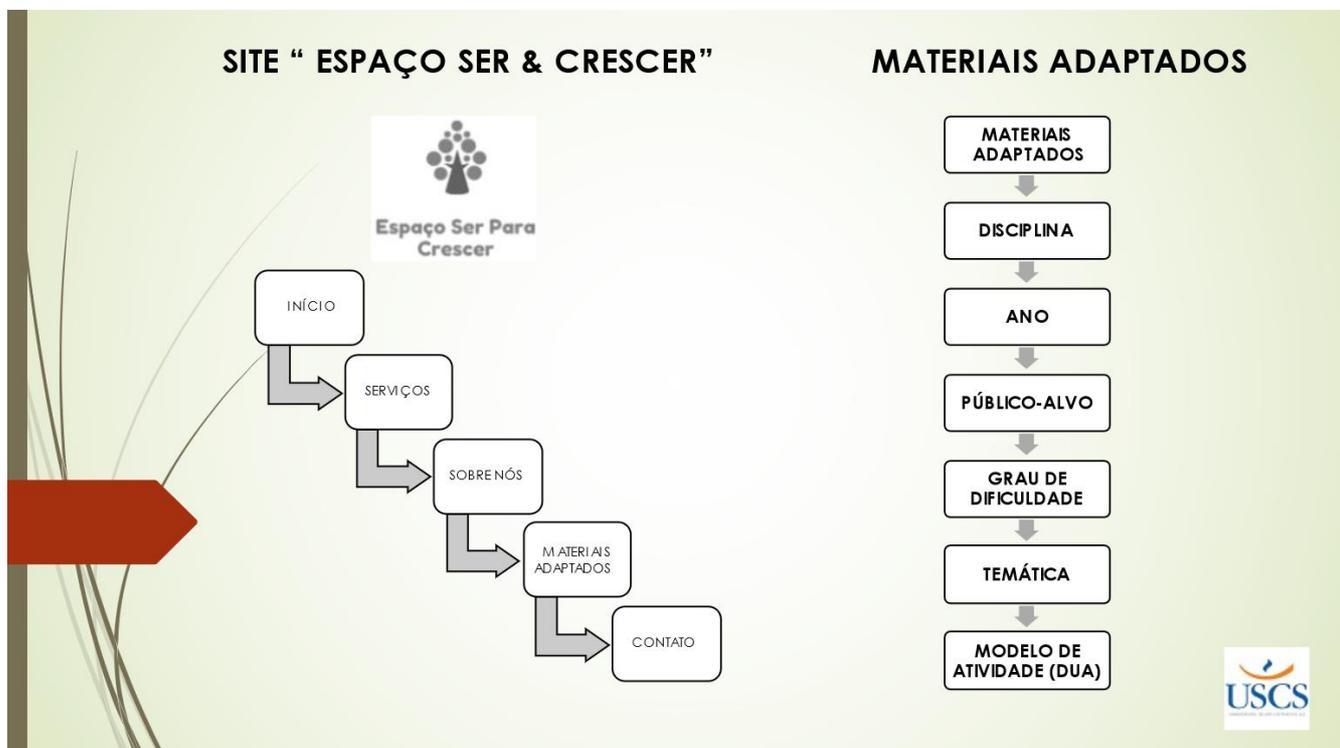
Fonte: Elaborado pela própria autora (2023).

6.2 O produto em si

Os professores da rede regular de ensino poderão acessar o site *Espaço Ser & Crescer*: construindo uma prática pedagógica inclusiva e a partir de um leque de informações às quais ele for acessando, será encaminhada uma proposta de atividade. A figura 8 apresenta um protótipo deste site proposto por meio do mapa deste produto educacional.

Serão considerados a construção do perfil dos estudantes em sala de aula, a quantidade de estudantes da sala de aula, o tempo hábil para planejamento de determinada atividade, entre outras informações.

Figura 14 – Modelo do produto final (site educacional)



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Haverá também uma seção onde será possível a interação entre os usuários, para que eles possam dar suas opiniões a respeito do espaço e interagir entre eles.

Este site, posteriormente, também poderá ser utilizado pela equipe gestora, para a busca de propostas de atividades a serem utilizadas, por exemplo, em cursos de formações de professores, e até mesmo pelos pais/responsáveis ao buscar atividades para os seus filhos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, como parte de uma trajetória acadêmica, nos trouxe um leque de oportunidades para que pudéssemos pensar, refletir, argumentar e traçar caminhos para chegar o mais próximo dos fundamentos da educação inclusiva, tendo como base os princípios do desenho universal para aprendizagem (DUA).

Partimos da seguinte questão: como construir uma prática pedagógica acessível em uma sala de aula onde há estudantes com e sem TEA? O objetivo geral foi investigar como os princípios do DUA podem contribuir para a construção de uma aula acessível em sala de aula onde há estudantes com e sem TEA. Consideramos que, com apoio dos professores, colegas de trabalho e das cartas pedagógicas e roda de conversa, fomos exitosos neste caminho investigativo. Buscamos uma base teórica consistente e procuramos conhecer a percepção dos professores e professoras sobre as práticas de ensino em salas de aulas onde havia alunos com ou sem TEA.

Mesmo o DUA sendo uma abordagem existente há mais de uma década, ela tem sido vista como uma proposta nova no Brasil. De uma forma geral, a grande maioria dos professores não tinha conhecimento sobre o tema DUA.

Identificamos que são muitos os enfrentamentos para que se construa uma prática pedagógica acessível. Há avanços no que diz respeito à percepção dos professores e professoras sobre a educação como direito humano fundamental e sobre o amparo legal para a inclusão escolar dos estudantes com TEA. No entanto, são muitos os obstáculos e entraves para que se efetive a prática pedagógica acessível.

Tanto os questionários de sondagem quando as cartas pedagógicas trouxeram a reflexão referente à preocupação por parte de todos os envolvidos com o preparo da escola para a efetivação da inclusão escolar dos estudantes com TEA. A partir da percepção dos professores, foram levantadas algumas barreiras enfrentadas pelos estudantes com TEA no cotidiano de uma sala de aula, tais como: falta de

sociabilização, falta de recursos, falta de apoio da rede familiar, professores despreparados, salas cheias, entre outras questões.

Face a essa situação, pudemos entender que a situação em que a educação se encontra está distante daquilo que almejamos como ideal para a escola inclusiva. Sabemos que não podemos eliminar aquilo que já conquistamos, mas jamais podemos dizer que está tudo correto nas escolas e nas salas de aula, ainda mais quando consideramos um tema tão amplo como o DUA. A maioria dos profissionais da educação envolvidos nesta pesquisa não possuíam conhecimento sobre os princípios do desenho universal para aprendizagem.

Mesmo não sabendo a respeito do assunto, foram citados alguns estudos de caso durante a RC, que caracterizavam o início da abordagem DUA. Mesmo sem perceberem, os professores já estavam no caminho de uma nova abordagem. Um professor com determinado assunto/conteúdo pode conseguir envolver todos os alunos com e sem TEA, em sua aula.

Ao longo deste estudo, foi possível observar que a inclusão perpassa um longo caminho de aprendizado e compromisso ético. Já ocorreram mudanças significativas nas escolas, mas ainda estamos distantes do que é preconizado nos documentos oficiais, considerando o que se constata na realidade escolar como um todo.

No processo de inclusão escolar devem ser consideradas todas as particularidades dos alunos. Isto sendo associado à formação profissional do professor, dos professores especializados, dos diretores e de toda a comunidade escolar, será possível garantir maior qualidade ao processo de inclusão escolar. Por isso, acredito ser de grande importância a utilização do produto educacional proposto a partir desta pesquisa, o qual está fundamentado nos princípios e na aplicabilidade do DUA na escola brasileira.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 9050:2020**. Disponível em: <https://www.ufsm.br/orgaos-executivos/caed/wp-content/uploads/sites/391/2020/08/ABNT-NBR-9050-.pdf>. Acesso em 03 fev. 2023.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO AUTISTA. **Tratamento**. São Paulo: 2022. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>. Acesso em 08 out. 2022.

AVILA, Barbara Gorziza. Comunicação aumentativa e alternativa para o desenvolvimento da oralidade de pessoas com autismo. 2011. 180f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32307>. Acesso em 26 jun. 2022.

BARBOSA, Gabriele Fernanda Cordeiro; FRANÇA, Gustavo Thayllon. Processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com TEA. v. 9 n. 18 (2020) **Caderno Uninter: Modalidades de ensino: educação especial e inclusiva**. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1295>. Acesso em 10 mai. 2022.

BENICIO, Christine Dantas; SILVA, Alzira Karla Araújo da. Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica. **Biblionline**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/16756>. Acesso em 01 jun. 2023.

BERSCH, Rita. **Introdução a Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre, RS, 2017. Disponível em: http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em 13 nov. 2022.

BETTIO, Tainá de; GIACOMAZZO, Graziela Fátima. **A tecnologia e a aprendizagem dos alunos com transtorno do Espectro Autista: análise das pesquisas**. v. 4, n. 1 (2020) . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18616/rsp.v4i1.5745>. Acesso em 20 nov. 2022.

BEZERRA, Marcos Ferreira. A importância do método ABA – análise do comportamento aplicada – no processo de aprendizagem de autistas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 10, Vol. 06, pp. 189- 204 Outubro de 2018. ISSN:2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-de-autistas>. Acesso em 22 jul. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União. 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 10 nov. 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008a. _____. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em 15 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto n. 5.296 de 02 de dezembro de 2004**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em 03 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes operacionais da educação especial para o atendimento educacional especializado na educação básica**. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/documentos-pdf/428-diretrizes-publicacao#:~:text=O%20atendimento%20educacional%20especializado%20%2D%20AEE,alunos%2C%20considerando%20suas%20necessidades%20espec%C3%A Dficas>. Acesso em 02 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto Nº 7.611 de 17 de novembro de 2011.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11. Acesso em: 17 dez. 2021.

BRASIL. **Lei n. 12.764 de 27 de dezembro de 2012.** Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm#:~:text=13.977%2C%20de%202020\)-,Art.,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm#:~:text=13.977%2C%20de%202020)-,Art.,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico). Acesso em 20 nov. 2022.

BRASIL. **Lei n. º 13.146, de 06 de julho de 2015.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 18 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano educacional individualizado.**2017. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8921974&ts=1618945764007&disposition=inline#:~:text=O%20Plano%20Educativo%20Individualizado%20%E2%80%93%20PEI,ainda%20n%C3%A3o%20consolidados%20do%20aluno..> Acesso em 15 jan. 2023.

CDC (Center of Diseases Control and Prevention) apud OLIVEIRA, Carolina. Um retrato do autismo no Brasil. **Revista Espaço Aberto**, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>. Acesso em: 07 dez. 2021.

CHAGAS, Francinaldo Santana; CHAGAS, Gardenia Santana. **As tecnologias assistivas como forma de comunicação alternativa para pessoas com TEA.** Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/16/as-tecnologias-assistivas-como-forma-de-comunicacao-alternativa-para-pessoas-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em 24 jun. 2022.

CHAVES, Iduína Mont´Alverne. A Pesquisa narrativa: uma forma de evocar imagens da vida de professores. **Revista Educação em debate**. Fortaleza. Ano 21. V. 1. N. 39. 2000. Disponível em: cc. Acesso em: 11 jan. 2022.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina; AMARAL, Mara Sara; OLIVEIRA, Fátima. (2020). Desenho universal para aprendizagem: um percurso investigativo sobre a

educação inclusiva. **Revista Intersaberes**, 15(34). Disponível em: <https://doi.org/10.22169/revint.v15i34.1743>. Acesso em 10 jan. 2023.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina; BRACKEN, Sean; APARÍCIO, Ana Silvia Moço. O design universal para aprendizagem e a pedagogia das estações: as múltiplas temporalidades/ espacialidades do aprender nas escolas. **Educação em Revista [online]**. 2020, v. 36, e229690. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698229690>>. Epub 11 Set 2020. ISSN 1982-6621.. Acesso em: 24 nov. 2021.

FADDA, Gisela Mouta; CURY, Vera Engler. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Revista Psicologia em Estudo**, 21(3), 411-423.2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v21i3.30709>. Acesso em: 03 dez. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E ÉSQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo escolar 2021**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2021/notas_estatisticas_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em 10 out. 2022.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, N. 2, p. 217-250. 1943 In: TAMANAHA, Ana Carina, PERISSINOTO, Jacy e CHIARI, Brasília Maria Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia [online]**. 2008, v. 13, n. 3 [Acessado 20 Novembro 2022] , pp. 296-299. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-80342008000300015>>.

LANA, Thaina. Ministério Público apura falta de inclusão em escolas de São Caetano. **Diário do Grande ABC: setecidades**. São Paulo, 06 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3889013/ministerio-publico-apura-falta-de-inclusao-em-escolas-de-sao-caetano> Acesso em 12/10/2022.

MACEDO, Cristiane Resende Silva. **Uma aprendiz autista na aula de inglês como língua estrangeira: (re) construindo possibilidades**. 2021. 225 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42002?locale=en>. Acesso em 23 jan. 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Égler; SANTOS, Maria Terezinha Teixeira dos. **Atendimento educacional especializado: políticas públicas e gestão nos municípios**. São Paulo: Moderna, 2010.

MANZINI, Eduardo José. **Portal de ajudas técnicas para educação**: equipamento e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para comunicação alternativa. [2. ed.] / Eduardo José Manzini, Débora Deliberato. – Brasília: [MEC, SEESP], 2006.

MENDES, Rodrigo Hubner. **O que é Desenho universal para aprendizagem? DIVERSA: educação inclusiva na prática**. Publicado em 01/12/2017. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/o-que-e-desenho-universal-para-aprendizagem/>. Acesso em 28 jul. 2022.

MORAES, Kelly; FERRAS, Samanta Dias; MACHADO, Mauro Braga. **O desenvolvimento das crianças com TEA**. XVI Jornada científica do Campos Gerais. Ponta Grossa, 24 a 26 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/865/299>. Acesso em 23 mar. 2022.

NÓVOA, António Manuel Seixas Sampaio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Caderno de Pesquisa [Online]**, v. 47, n. 166, pp. 1106-1133, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053144843>>. ISSN 1980-5314. Acesso em 05 jan. 2023.

NUNES, Clarice; MADUREIRA, Isabel, (2015). **Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas, Da Investigação às Práticas**, 5(2), 126 - 143. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299369627_Desenho_Universal_para_a_Aprendizagem_Construindo_praticas_pedagogicas_inclusivas. Acesso em 02 fev. 2023.

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva e; MUNSTER, Mey de Abreu Van; GONÇALVES, Adriana Garcia. Desenho Universal para Aprendizagem e Educação Inclusiva: uma Revisão Sistemática da Literatura Internacional¹. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. Rev. bras. educ. espec., 2019 25(4), p. 675–690,

out. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/rGFXP54LSxdkfNmXsD9537M/>. Acesso em 03 fev.2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Transtorno do espectro autista**. Brasília, Distrito Federal. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 24 nov. 2021.

ORRU, Silvia Ester. A Formação de professores e a educação de autistas. **Revista Iberoamericana De Educación**, 33(1), 1-14. 2003 Disponível em: <https://doi.org/10.35362/rie3312965>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ORRU, Silvia Ester. Os estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico-cultural no trabalho educacional com autistas. **Revista Iberoamericana De Educación**, 45(3), 1-12. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.35362/rie4532120>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ORRU, Silvia Ester. Contribuições da abordagem histórico-cultural na educação de alunos autistas. **Rev Hum Med**, Ciudad de Camaguey , v. 10, n. 3, p. 1-11, dic. 2010 . Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1727-81202010000300002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ROSA, Sandra de Oliveira. Análise do comportamento aplicada (ABA) e sua contribuição para a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) Graus II e III no Ensino Fundamental I. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 12, n. 32, p. 212-229, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2177>. Acesso em 14 mar. 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319. Acesso em 02 fev. 2023.

SILVA, Camila Elizabete da. **A educação inclusiva e a apreciação pela variabilidade dos aprendizes: a proposta do DUA para o ensino sem barreiras.** /

Camila Elizabete da Silva. – 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/luluz/Downloads/1663363487.pdf>. Acesso em 08 fev. 2023.

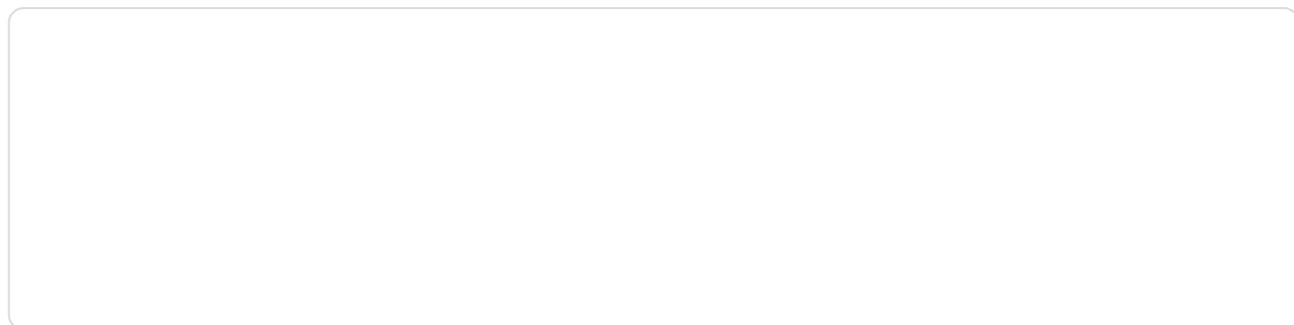
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. **Manual de Orientação Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento: Transtorno do espectro do autismo**, nº 05, Abril de 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: 08 dez. 2021.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar v. 22 n. 2, 2018: Abril/Junho. **Revista Educação Unisinos**. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.222.04>. Acesso em: 26 jul. 2022.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Eniceia Gonçalves. O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas. **Educação e Pesquisa**, v. 47, n. Educ. Pesqui., 2021 47, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/XrThMT5Hhn6D9CSqcn3HHSM/>. Acesso em 03 fev. 2023.

YOUNG, Michael. **Por que o conhecimento é importante para as escolas do século XXI?**. Cadernos de Pesquisa, 46 (159), 18-37. 2016. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/353>. Acesso em: 27 jul. 2022.



Desenho Universal para Aprendizagem

**como suporte para o ensino
inclusivo: Uma aula
acessível para estudantes
com e sem Transtorno do
Espectro Autista.**

30 respostas

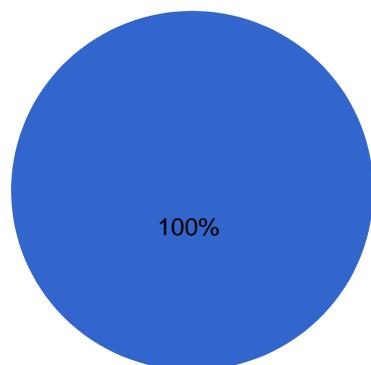
Publicar análise

**Você
concor**

da participar da pesquisa?

Copiar

30 respostas



- Sim
- Não

Nome

30 respostas

Luciana

Márcia Ferreira costa

Fernanda Capeto Ribeiro da Silva

Katia Peres Nunes dos Santos

Grasiela Ferrari

Vanessa Machado

Marlene Bernardo Velloso Benitez Hernandez

Maria Aparecida Paiva Arduini

Paula Naomi Kawabata

Julia

Flávia Tatiane Ruiz Braga

Ana Rita

Rosy Mara Guimarães

Thaís Fernanda

Priscila

Maria Helena Salomão

Natalia

Rosânia Felix Moreira

Antônia Nenilma Sousa

Edna de Almeida Gusmao

Silvia Maria Gabriel



E-mail

30 respostas

Luluzinha302@hotmail.com

marcinhaf123@hotmail.com

fercapeto@gmail.com

katiaperesnunesantoss@gmail.com

Grasiela.ferrari@escola.pr.govBr

vanessamachado.8395446@edu.sme.prefeitura.sp.gov.br

marlenebvbh@gmail.com

paivaarduini@hotmail.com

kawabatapaula@ig.com.br

Juliagpizoli@gmail.com

flaviatiane_braga@hotmail.com

arittas@hotmail.com

rossymarag@gmail.com

thaiscardoso6@hotmail.com

Prirodriguescatalan@gmail.com

helenasalomao11@gmail.com

nataliaemario@gmail.com

rose_felix2006@hotmail.com

anstdsantos@scseduca.com.br

ednaa.gusmao@gmail.com

smsilvinhamed3@gmail.com



prof.cirleyandrea@gmail.com

renildapoci@gmail.com

geraldocosta@scseduca.com.br

luciahelenasilvamarinho@gmail.com

anapaula.salessouza@gmail.com

dalilasilva@scseduca.com.br

julianarmarconi@gmail.com

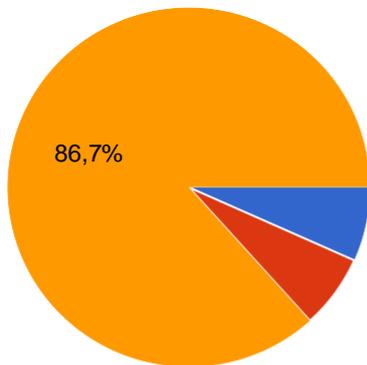
nzlopes09@hotmail.com

plopes1978@gmail.com

Há quanto tempo você atua como professor?

Copiar

30 respostas



- Menos de 1 ano
- De 1 a 3 anos
- Mais que 3 anos

Há quanto tempo você atua nessa unidade escolar?

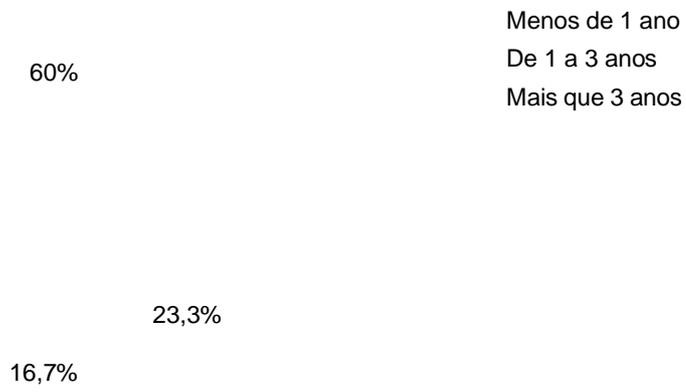
Copiar

30 respostas



- Menos de 1 ano
- De 1 a 3 anos
- Mais que 3 anos

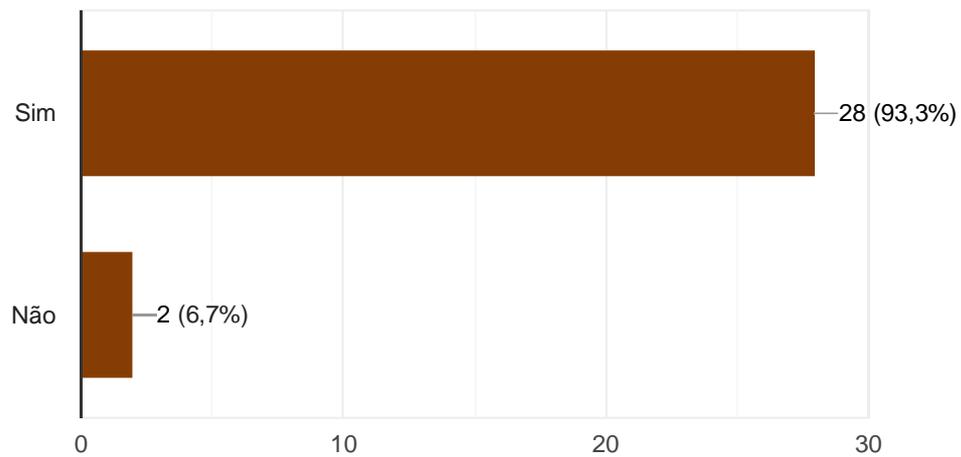




Na sua experiência profissional, já trabalhou em salas onde havia alunos com e sem TEA?

 Copiar

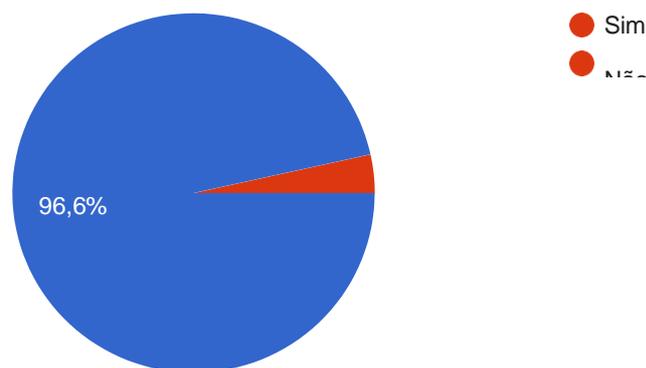
28 respostas



Se sim, você encontrou dificuldades para a prática de ensino inclusiva?

 Copiar

29 respostas



Qual foi sua maior dificuldade?

29 respostas

Adaptação das atividades

Não tive respaldo

Lidar com o aluno especial e com 30 alunos

Descobrir o que mais chama a atenção de uma criança com TEA, para assim potencializar seu conhecimentos/curiosidades.

Interação com aluno

O número de estudantes no agrupamento, falta de apoio, disponibilização de materiais e recursos, também o acesso aos equipamentos.

Adaptação curricular, e atenção que eles requererem

Melhorar a interação social

Falta de formação e experiência para lidar com estudante TEA

A dificuldade em fazer com que eles sigam a rotina, e a regras em sala de aula.

Alcançar a aprendizagem

Adaptar as atividades para atender as necessidades do estudante e conciliar com as necessidades dos demais, pois as salas estão com capacidade acima de 30 alunos.

Estratégia para atender as necessidades do aluno

Interação

Conseguir dar atenção individualizada

Conseguir dar atenção diferenciada numa turma de 33 alunos com expectativas de aprendizagem diversas.

Adaptação curricular para alunos com TEA no Ensino Regular.

Lidar com as famílias

Atenção específica com sala lotada



Adaptar as atividades

Foi não consegui a tenção dele.

O tempo para atender ou(digo) dar atenção a todos juntos.pois há uma preocupação com os especiais,onde se dar menos atenção os outros que precisam muito da ajuda em vários sentidos também.

Dar conteúdos acessíveis a todos e inclui-los.

E queas crianças seja inserida na sala regular , sem nem um preparo pra que ela seja de fato incluída

Ter recursos na escola para trabalhar com as crianças

O maior desafio... seria apresentar ao corpo docentes... que a prática de ensino inclusivo... possibilita que todos tem os mesmos direitos constituído por Lei.

Atrair a atenção deles, o registro e as produzir atividades que podem atende-los

Elaborar atividades adequadas para cada caso.

Ausência de Material de apoio eficaz para trabalhar com discente, local diversificado para momentos de desestabilidade emocional, trabalhar com demandas TEAs das quais ainda não possui conhecimentos específicos.



A partir da sua experiência, quais são as principais barreiras enfrentadas pelo estudante com TEA em sala de aula?

30 respostas

Diversas

A principal barreira e que o aluno precisa de uma atenção maior

Lidar com o aluno especial e os outros alunos

Muitas vezes temos as barreiras arquitetônicas, atitudinais até mesmo uma materialidade em sala de convivência

Adaptação das atividades

Depende do nível do TEA, mas a falta de acessibilidade arquitetônica, falta de apoio familiar, falta de recursos, falta de ser visto e ouvido respeitando suas especificidades.

Silêncio

Socialização

Professora sem especialização, preconceito, falta de atividades diversificadas, apoio de um terapeuta ou cuidador.

A dificuldade em se adequar a uma rotina inapropriada para alunos com Tea. Interação

com os outros alunos

A falta de um olhar diferenciado por parte de todos que lidam direta e indiretamente com o estudante, respeitando suas necessidades como um todo. Não basta só adaptar as atividades. A adaptação vai além das paredes da sala de aula.

Profissionais despreparados, ambiente escolar inadequado tanto físico como nas relações pessoais

Relações sociais

A inclusão nas atividades

Depende do nível.



A falta de preparo dos professores em lidar

Pouco preparo dos professores generalistas na área onde desconhecem as características deste aluno e suas necessidades; número excessivo de alunos nas salas, excesso de estímulo

sensorial, organização da sala de aula, inadequação de metodologia, falta de suporte um prof auxiliar na sala.

Barulho excessivo

Socialização, compreensão das comandas

Adaptação, rotina, acompanhante adequado

Atenção, comportamento.

Sinto que muito falam, porém pouco se investe, não vejo material atraente para eles, a não ser aquele que o próprio prof constrói ou compra com próprio recurso. Onde também a família reconhece e cobra todos os direitos, mas esquece que também tem dever. E que os outros alunos também têm direitos.

Socialização, atividades e aulas acessíveis. Falta

de material didático.

Não possuem a mesma capacidade de interagir

O acolhimento dentro da UE.

A concentração nas atividades propostas.

Ter a devida atenção necessária para suas dificuldades.

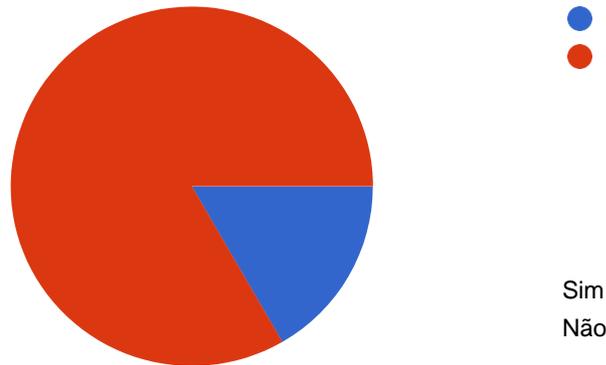
Salas muito cheias, muito barulho, falta de profissionais de apoio pedagógico ao professor, dificuldade na aplicabilidade de atividades adaptadas, pois o ambiente tem constante barulho e movimentos levando aluno a alto grau de distração visual e auditiva.



Você conhece a abordagem Desenho Universal para Aprendizagem (DUA)?



30 respostas



83,3%

16,7%

Sim
Não

Se sim, como esta abordagem aparece no seu plano de aula?

9 respostas

Eu conheço superficialmente, nunca utilizei essa abordagem

Conheço pouco, nunca me aprofundei ou usei a abordagem.

Utilizando os recursos disponíveis, dentro do espaço escolar, valorizando os espaços, ambientes e evidenciando o que é mais relevante para facilitar a adaptação e compreensão do aluno

Não conheço

A pesquisa me fará buscar, conhecer, compreender e tentar colocar em prática na minha rotina escolar.

Não



Não conheço essa abordagem.

Apresentar possibilidades de novos conhecimentos relacionados ao aprimoramento do que setem construído.

Para cada atividade adaptada busco estratégias que sejam mais lúdicas, com cores e comandas fáceis e diretas, além observar área de interesse do aluno. Dessa forma facilitar o meio de comunicação e propiciar estímulos no indivíduo, para que desenvolva as atividade propostas durante as aulas.



Considerando uma prática de ensino mais inclusiva, qual a sua sugestão para a atuação de professores iniciantes em sala de aula com alunos com e sem TEA?

30 respostas

Formação continuada

Primeiro o professor precisa conhecer o aluno e depois fazer um trabalho pedagógico para conhecê-lo

Ter um ajudante na sala para lidar com essas dificuldade

Bom teríamos que ter essa formação pm os iniciantes desde a formação da Universidade, e formação continuada de professores (as).

Q faça uma pós em educação especial

Conhecer a história de vida dos seus estudantes, respeitar suas origens e especificidades, promover debates, acolher e propor experiências que todos estejam inseridos.

Estudar para poder atingir, e paciência

Receber formação específica e conhecer o histórico de vida do estudante junto a família.

Fiz uma breve pesquisa sobre DUA e gostei da proposta de usar figuras universais para facilitar a aprendizagem de todos.

Para professores iniciantes, recomendo conversar com professores mais experientes e que tenham uma boa prática com inclusão, além de buscar formação continuada.

Como cada pessoa tem suas particularidades, cada estudante com TEA tem um jeito de ser, conviver e aprender.

Infelizmente, vejo muitos colegas que são contra a inclusão e apenas "deixam" o estudante na sala de aula.

Usar linguagem objetiva, estabelecer vínculo afetivo e observar a habilidade de cada aluno e a partir disso preparar uma aula adequada.

Primeiramente fazer com que o aluno se sinta pertencente aquele meio.

Que a gestão estabeleça uma parceria com o professor da sala regular. Que apoie



Desenho Universal para Aprendizagem como suporte para o ensino inclusivo: Uma aula acessível para estudantes com e sem...
efetivamente o professor, proporcionando pautas esclarecedoras nas ATPCs que enriqueçam o trabalho desenvolvido, independentemente da experiência que o mesmo tenha.

Participar de formação periódica sobre o tema, encontro de profissionais da área para troca de experiência , receber incentivo da equipe pedagógica com sugestões e participação efetivada mesma na busca de soluções

Trabalho em grupo

Primeiramente pedir uma acompanhante, depois conhecer o aluno e sua equipe multidisciplinar e sempre trocar informações

Basear-se sempre na Lei "educação é um direito de todos...", e dentro das limitações impostas pelo sistema público de ensino enxergar que todos somos capazes de aprender, fazendo o seu melhor.

Atualizar para aprimorar e adaptação das atividades

A necessidade de melhor conhecimento visando sanar as necessidades diversas que possam surgir visando atender de modo mais eficaz a todos, minimizando as barreiras que dificultam a aprendizagem.

Não deixar ninguém para trás

Maior suporte e mais formações sobre o assunto

Que haja formações pedagógicas direcionadas ao tema

Ter conhecimento para atualas.

Essa prática se aprende a cada dia,e praticando,cada criança tem comportamento diferente.

Conhecer o aluno

Que Todo corpo docente tenha sim o conhecimento desse novo desafio, com tantas crianças chegando no âmbito escolar , com baixo nível de aprendizado, laudo etc..

Deveria ser um tema mais trabalhado na educação. A equipe gestora ter conhecimentos mais específicos e poder proporcionar aos seus educadores, uma educação mais inclusiva

Acolhimento será o primordial para se obtermos uma sociedade mais acessível.

Pricurar conversar com professores mais experiência em busca de sugestões e ideias e contar com o conhecimento dos professores de educação especial buscando estratégias parao trabalho com esses estudantes.

Ter um suporte que realmente o auxilie nas dificuldades com este aluno.

Buscar meios e acessos diferentes para desenvolver o interesse na aprendizagem dos alunos, buscar conhecimento contínuo, ter interesse e afetividade pelo discente, para ele adquirir confiança no docente, ter paciência, persistência e foco, festejar cada minima evolução que o aluno consiga atingir. E aprender que todos podem aprender mas no seu tempo e de formas diferentes.



Google Formulários

ANEXO B – Carta pedagógica 01

São Paulo, 2 de maio de 2023.

Cara professora,

Recebi sua carta, e entendo sua preocupação com a turma em que está ministrando aulas recentemente e a insegurança em como lidar com as especificidades dos alunos. Revisitando minhas memórias enquanto estudante, lembro de uma época em que o professor era o centro de tudo. As turmas eram homogêneas e havia uma política de excluir o aluno com maior dificuldade (muitas vezes este abandonava a escola por não se sentir capaz). Atualmente como professora, fico feliz em perceber algumas mudanças positivas, como por exemplo, a escola para todos. O ensino centralizado no estudante é algo extremamente importante, mas para que haja um ensino eficaz, muitas ações ainda são necessárias. Após vinte oito anos lecionando, percebo que muita coisa ainda precisa mudar. Lembra-se quando eu citei a escola para todos? Pois é, a realidade escolar ainda não está preparada para receber todo e qualquer aluno, principalmente os alunos com necessidades educacionais especiais. Alguns fatores a meu ver, contribuem para a exclusão dos estudantes. Salas com excesso de lotação, falta de materiais e ambientes adaptados que contemplem o maior número de estudantes, a falta de profissionais que possam desenvolver um trabalho conjunto. E em meio a tudo isso está o professor, que tenta diariamente adaptar o currículo e desenvolver atividades atrativas e eficazes que contemplem e contribuam para o bom desenvolvimento do estudante com ou sem TEA. Saiba que não é a única. Entendo sua frustração. Não se sinta culpada. Sugiro que estude, leia artigos, utilize materiais concretos e aposte na ludicidade. Se atualize e sempre reflita a respeito de sua prática.

Um abraço

ANEXO C – Carta pedagógica 02

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

1 1

Querida amiga

Os desafios da inclusão são imensos, pois não é apenas ter um olhar sensível, direcionado a causa, é preciso ter conhecimentos para isso, as formações são fundamentais. São necessárias orientações que nos possibilitem atender a todos e não apenas atividades direcionadas àquelas crianças com alguma dificuldade pontual, pois, quando isso acontece, devemos de atender aos outros; também carecemos de material humano, alguém que esteja no chão da escola, realmente dando suporte prático ao professor, que com sala lotada, fica refém de poucos práticos verdadeiramente eficazes.

Saio de sala de aula, assim como a maioria dos colegas, frustrada, pois, apesar de fazer o meu melhor, sei que o não foi o suficiente para a turma, porque, eu percebo as dificuldades e percebo os demais, sem contar que, crianças não laudada não significam crianças sem dificuldades específicas.

Sim, a inclusão é importante, e saber se é fundamental para todos e todas, mas a equidade, o olhar, a eficiência no fazer não é apenas uma questão de vontade, precisamos de projetos.

1 / 1
 apropriam o cotidiano para aprendizagens
 e desenvolvimentos significativos de grupos
 e a cada criança, que as intenções
 validades sejam articuladas na prática
 e não só na teoria.

Um número grande de aprendentes por
 sala, dificulta a potencialização da apren-
 dizagem, dos vínculos, da escuta individual
 então, ao meu ver, se for necessário
 algumas mudanças, além de efetiva
 formação.

sem mais

Prof. Edna

ANEXO D – Carta pedagógica 03

O principal desafio de ter um aluno seja a ter a habilidade para trabalhar o/ ele em todos conteúdos e habilidades. Também podemos notar que os alunos com transtorno do espectro autista cada um tem um comportamento bem diferenciado do outro ao ponto de alguns e barulho não afetar de forma alguma e outros qualquer som incomoda de muitas formas isto é só um exemplo.

O professor que tem alunos com ~~estes~~ inclusive necessita de um apoio exclusivo porque não possui especialização, ficar atenta as dicas e informações que são passadas, buscar com os familiares a melhor forma de trabalhar com eles "contar faz parte".

ANEXO E – Carta pedagógica 04

Relato de experiência

~~Experiência~~
Formada em licenciatura em Matemática, primeiro emprego na área da Educação foi na sala de Atendimento Educacional Específico - AEE, o novo é algo que nos deixa preocupado, ansioso e com medo. Foi assim que me sentia quando recebi o convite, com medo, pois era algo novo e com certeza difícil, pois não estava preparada para ensinar esses alunos. O meu primeiro passo foi procurar conhecer os alunos e a partir daí montar o planejamento em cima das dificuldades de cada um, buscando adaptar atividades para que todos possa participar e aprender da melhor maneira possível.

ANEXO F – Carta pedagógica 05

São Paulo, 04 de maio de 2023

Queridas professoras (es) e toda a comunidade educacional.

Mais uma vez sintam-se acolhidas(os) e com os nossos votos de que este seja um semestre repleto de boas experiências e descobertas. Meu nome é Katia Peres Nunes dos Santos formada em pedagogia, trabalho na Educação Infantil desde 1988. Durante o meu percurso profissional houve muitos obstáculos, dentre eles o desafio da inclusão. Atualmente trabalho com duas crianças com TEA. Mesmo tendo uma legislação sobre a inclusão na última década observo que é uma luta constante para tentar incluir e garantir o direito de aprendizagem delas. A rede de proteção é ineficaz, ainda mais na rede pública elas não conseguem o tratamento que necessitam, um exemplo é o neuropediatra, muitas vezes leva-se meses até anos para conseguir uma consulta. |

Os espaços públicos não estão adequados para receber as crianças com deficiência, assim gerando a exclusão. Temos um longo caminho a percorrer para eliminar as barreiras, arquitetônicas, atitudinais, urbanísticas, transporte, comunicações e nas informações e tecnológicas. É um desafio.

Outra dificuldade que encontro é na formação de professoras (es) e demais profissionais envolvidos na educação. Muitas vezes não temos conhecimento sobre a especificidade dessa criança, mesmo fazendo um estudo de caso, pesquisando sinto a falta do apoio de um profissional especializado para orientar, como garantir o direito de aprendizagem delas.

As oportunidades são o veículo da aprendizagem. Criar oportunidades para o estudante focar no processo de aprendizagem em vez de focar no resultado final é importante para ele crescer como pensador e aprendiz (RITCHHART, 2015, p. 143).

Esse excerto me faz refletir sobre oportunizar um ambiente adequado, o direito de aprendizagem, saúde, bem-estar dessa criança na Unidade Educacional.

ANEXO G – Carta pedagógica 06

Sao Paulo, 07 de maio de 2023.

Olá Priscila, como vai tudo bem?

Me solidarizo com suas expectativas quanto a este novo período profissional, ingressando no Ensino público após a pandemia e dúvidas com relação ao ensino de alunos com Deficiência Intelectual e TEA, parte de sua turma.

Sabemos o quanto nossa prática se reflete na vida de todos os nossos estudantes e a necessidade de um olhar específico para que ocorra a eliminação das barreiras propiciando que avancem com maior sucesso.

A formação continuada do professor é fundamental, uma vez que a inicial ainda é insuficiente para capacitar verdadeiramente para atuação na escola inclusiva.

É necessário a parceria entre a escola e a família que necessita conhecer as propostas e ser solidária contribuindo em sua medida para o sucesso escolar, seja no apoio escolar em casa, como também no acompanhamento dos filhos na área da saúde. Há a necessidade também de que haja a interlocução entre profissionais da saúde com orientações para a escola se houver a necessidade.

O professor necessita adquirir conhecimento contínuo: teórico, prático, reflexivo, a prática só vem com o tempo. Existem orientações básicas em manuais por deficiências, no entanto cada aluno é único, assim como nossas intervenções também devem ser. Além disso, a escola precisa prover recursos estruturais, tecnológicos e pedagógicos para atender as necessidades específicas de cada aluno que atende, inclusive aqueles com deficiência ou transtornos de aprendizagem.

Pensar em estratégias adequadas que auxiliem a todos, requer de nós professores o olhar atento. Neste sentido, contar com a parceria da equipe pedagógica, ou seja, todos os que são envolvidos no processo educativo se faz necessário (equipe gestora, coordenador, professores da sala regular, de recursos e demais especialistas).

Outro ponto a ser considerado é a importância do levantamento de informações, pois conhecendo o histórico familiar, escolar e clínico dos alunos, suas dificuldades e principalmente os pontos fortes e de interesse, é possível mediar e colaborar de uma melhor forma para o processo inclusivo dos alunos que atendemos. É direito de cada um ter o devido acesso a escola, ser acolhido, respeitado em suas especificidades e de aprender no seu tempo.

Espero ter contribuído de alguma forma em minhas palavras querida amiga, desejo lhe muito sucesso nesta sua nova e abençoada trajetória. Tenho certeza que você terá muito sucesso!

Forte abraço!

**ANEXO H – QUADRO SÍNTESE - REFLEXÃO DAS CARTAS
PEDAGÓGICAS**

Professora	Desafios	Possibilidades	Sugestões	Frases
01	<p>Preocupação com os alunos; Insegurança em como lidar com especificidades dos alunos;</p> <p>Recordações de quando o professor era o centro de tudo, turmas eram homogêneas, exclusão dos alunos com maior dificuldade;</p> <p>Abandono da escola;</p> <p>Hoje, mudanças positivas: escola para todos</p> <p>Escola não está preparada para receber todo e qualquer aluno principalmente com necessidades especiais;</p> <p>Exclusão: salas lotadas, falta de materiais, ambientes não adaptados, falta de profissionais, adaptação de currículo, falta de atividades atrativas e eficazes;</p>	<p>Ensino centralizado no estudante é importante, mas são necessárias algumas ações;</p>	<p>Sugestão: ler artigos, utilização de materiais concretos e lúdicos.</p>	<p><i>“Atualmente como professora, fico feliz em perceber algumas mudanças positivas, como por exemplo, a escola para todos. O ensino centralizado no estudante é algo extremamente importante, mas para que haja um ensino eficaz, muitas ações ainda são necessárias” (ANA, CP, RELATO 1)</i></p> <p><i>“Salas com excesso de lotação, falta de materiais e ambientes adaptados que contemplem o maior número de estudantes, a falta de profissionais que possam desenvolver um trabalho conjunto. E em meio a tudo isso está o professor, que tenta diariamente adaptar o currículo e desenvolver atividades atrativas e eficazes que contemplem e contribuam para o bom desenvolvimento do estudante com ou sem TEA.”(ANA, CP, RELATO 1)</i></p>
02	<p>Desafios da inclusão: olhar sensível direcionado à causa; conhecimento; sala lotada;</p>	<p>Formações são fundamentais;</p>	<p>Necessário orientações para que a professora atenda a todos os alunos igualmente;</p>	<p><i>“ São necessárias orientações que nos possibilitem a todos e não apenas atividades direcionadas aquelas crianças com alguma dificuldade pontual, pois quando isso acontece, deixamos de atender aos outros; também carecemos de material humano, alguém que pise no chão da escola, realmente dando suporte</i></p>

	<p>Falta de material e profissionais; Suporte prático ao professor; Frustração mesmo sabendo da boa atuação; Prioridade aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou alunos com laudo; Inclusão é importante: Não basta ter boa vontade: equidade, o “olhar”, a eficiência no fazer; Organização do cotidiano para a aprendizagem e desenvolvimento significativo ao grupo e a cada criança; Intencionalidades sejam articuladas na prática e não somente na teoria; Salas lotadas dificultam a potencialização da aprendizagem, dos vínculos e da escuta individual; Falta formação dos professores. A escola ainda hoje, está engessada com o viés das questões clínicas e temos que mudar essa cultura da escola.</p>		<p>Inclusão de projetos;</p>	<p><i>prático ao professor que com sala lotada fica refém de poucas práticas verdadeiramente eficazes”(EDNA, CP, Relato 2)</i></p> <p><i>“O laudo é direito da criança . Mas, o laudo não pode ser a prerrogativa, temos que ver essas questões pedagógicas e suas necessidades. Se pensarmos numa escola inclusiva? Temos que mudar essa concepção. E isso é o diferencial do serviço itinerante”. (EDNA, CP, Relato 2)</i></p>
<p>03</p>	<p>Desafios de ter um aluno com TEA: falta da habilidade para lidar com eles; Comportamentos diferentes: ruídos externos por exemplo; Professores precisam de apoio e não tem especialização;</p>	<p>Conhecer as famílias, faz parte.</p>		<p><i>“ O principal desafio de ter um aluno com TEA é ter habilidade para trabalhar com ele em todos os conteúdos e habilidade”. (MARLENE, CP, Relato 3)</i></p> <p><i>“ Os professores que têm alunos inclusivos necessita de um apoio exclusivo porque não possui especialização”. (MARLENE, CP, Relato 3)</i></p>

	Estar atento as dicas e informações que são passadas pelas famílias;			
04	Preocupação, ansiedade e medo em lidar com o “novo”; Falta de preparo;	Primeiro passo: conhecer os alunos e a partir disso montar um planejamento para cada um;	Adaptação das atividades para que todos possam participar e aprender da melhor maneira possível;	“ O meu primeiro passo foi procurar conhecer os alunos e a partir daí montar um planejamento em cima das dificuldades de cada um, buscando adaptar atividades para que todos possam participar e aprender da melhor maneira possível”. (NEUZA CP, Relato 4)
05	Acolhimento ao professor; Novas experiências e descobertas; Houve muitos obstáculos na profissão: desafio da inclusão; Cita a lei da inclusão, mas que é uma luta constante para tentar incluir e garantir o direito de aprendizagem deles; Rede de proteção é ineficaz, ainda mais na rede pública; Não tem tratamento, leva-se meses ou anos para conseguir uma consulta médica; Espaços públicos não estão adequados para recebê-los, gerando a exclusão; Eliminar barreiras: arquitetônicas, longitudinais, urbanísticas, transporte, comunicações, informações e tecnológicas; Não tem formação dos professores e profissionais da educação;			“ Mesmo tendo uma legislação sobre a inclusão na última década observo que é uma luta constante para tentar incluir e garantir o direito de aprendizagem delas”. (KATIA, CP, Relato 5) “Os espaços públicos não estão adequados para receber as crianças com deficiência, assim gerando a exclusão. Temos um longo caminho a percorrer para eliminar as barreiras, arquitetônicas, atitudinais, urbanísticas, transporte, comunicações e nas informações e tecnológicas. É um desafio” (KATIA, CP, Relato 5) “Outra dificuldade que encontro é na formação de professoras (es) e demais profissionais envolvidos na educação. Muitas vezes não temos conhecimento sobre a especificidade dessa criança, mesmo fazendo um estudo de caso, pesquisando sinto a falta do apoio de um profissional especializado para orientar, como garantir o direito de aprendizagem delas” (KATIA, CP, Relato 5)

	<p>Não há conhecimento sobre as especificidades das crianças;</p> <p>Mesmo com estudo, sente falta de apoio de um profissional especializado;</p> <p>Falta oportunizar o ambiente para a aprendizagem</p>			
06	<p>Atuação do professor é muito importante para vida do aluno;</p> <p>Olhar específico para que ocorra a eliminação de barreiras, propiciando o avanço desses alunos;</p> <p>A prática “vem” com o tempo;</p> <p>Existem informações básicas em manuais, por tipos de deficiência mas cada aluno é único, assim como as intervenções;</p> <p>“Olhar atento” do professor;</p> <p>É direito de cada um o acesso à escola;</p> <p>Ser colhido e respeitando suas especificidades e de aprender no seu tempo;</p>	<p>Formação continuada do professor é fundamental e que a formação inicial não é suficiente;</p>	<p>Parceria entre escola e família: a família precisa conhecer as propostas e ser solidária;</p> <p>Apoio escolar, em casa e na saúde;</p> <p>Interlocução entre saúde e escola;</p> <p>Professor necessita adquirir conhecimento contínuo: teórico, prático e reflexivo;</p> <p>Escola precisa prover recursos estruturais, tecnológicos e pedagógicos;</p> <p>Pensar em estratégias adequadas que auxiliem a todos;</p> <p>Parceria da equipe pedagógica: equipe gestora, coordenador, professores da sala regular, de</p>	<p><i>“Sabemos o quanto nossa prática se reflete na vida de todos os nossos estudantes e a necessidade de um olhar específico para que ocorra a eliminação das barreiras propiciando que avancem com maior sucesso. A formação continuada do professor é fundamental, uma vez que a inicial ainda é insuficiente para capacitar verdadeiramente para atuação na escola inclusiva.” (ROSANEA, CP, Relato 6)</i></p> <p><i>“É necessário a parceria entre a escola e a família que necessita conhecer as propostas e ser solidária contribuindo em sua medida para o sucesso escolar, seja no apoio escolar em casa, como também no acompanhamento dos filhos na área da saúde” (ROSANEA, CP, Relato 6)</i></p> <p><i>“É necessário a parceria entre a escola e a família que necessita conhecer as propostas e ser solidária contribuindo em sua medida para o sucesso escolar, seja no apoio escolar em casa, como também no acompanhamento dos filhos na área da saúde. Há a necessidade também de que haja a interlocução entre profissionais da saúde com orientações para a escola se houver a necessidade” (ROSANEA, CP, Relato 6)</i></p> <p><i>“O professor necessita adquirir conhecimento contínuo: teórico, prático, reflexivo, a prática só vem com o tempo. Existem orientações básicas em manuais por deficiências, no entanto cada aluno é único, assim como nossas intervenções também devem ser. Além disso, a escola precisa prover recursos estruturais, tecnológicos e pedagógicos para atender as necessidades</i></p>

			<p>recursos e demais especialistas; Levantamento de informações a partir dos familiares: conhecimento do histórico familiar, escolar e clínico, e “pontos de interesse” da criança;</p>	<p><i>específicas de cada aluno que atende, inclusive aqueles com deficiência ou transtornos de aprendizagem” (ROSANEA, CP, Relato 6)</i></p> <p><i>Pensar em estratégias adequadas que auxiliem a todos, requer de nós professores o olhar atento. Neste sentido, contar com a parceria da equipe pedagógica, ou seja, todos os que são envolvidos no processo educativo se faz necessário (equipe gestora, coordenador, professores da sala regular, de recursos e demais especialistas)” (ROSANEA, CP, Relato 6)</i></p> <p><i>“ Outro ponto a ser considerado é a importância do levantamento de informações, pois conhecendo o histórico familiar, escolar e clínico dos alunos, suas dificuldades e principalmente os pontos fortes e de interesse, é possível mediar e colaborar de uma melhor forma para o processo inclusivo dos alunos que atendemos. É direito de cada um ter o devido acesso a escola, ser acolhido, respeitado em suas especificidades e de aprender no seu tempo” (ROSANEA, CP, Relato 6)</i></p>
--	--	--	--	---

ANEXO I – QUADRO SÍNTESE DA RODA DE CONVERSA

RODA DE CONVERSA 20/MAIO/2023

NOME	Quais barreiras precisam ser eliminadas na sala de aula para que o ensino seja inclusivo?	Vamos pensar juntos algumas ações? Como temos ou podemos construir a acessibilidade para alunos com e sem TEA ?	Como poderia aplicar o DUA, em suas aulas, atendendo o aluno com TEA e os demais?	Que habilidades, gostos ou interesses seu aluno com TEA possui?	Que direcionamentos do DUA podem nos apoiar?
01	Acredita que seja o número de alunos dentro de uma sala de aula, pois se temos um ou mais alunos com deficiência na sala, fica muito complicado um trabalho bom.	Fazer jus a legislação que existe a respeito do número de alunos por sala. Quando há alunos especiais ou mesmo ter de auxiliar de inclusão que possa apoiar na sala de aula.	Se eu tivesse metade dos alunos, sentar-se-ia junto com meus alunos com TEA e conseguiria aplicar uma atividade com todos ao mesmo tempo, pensando em todos.	Um gosta de massinha e areia e outro não tem interesse em nada, muito mais difícil.	Tratar os alunos de forma igualitária
02	Nós professores da sala comum não temos formação para lidar com alunos especiais, mesmo com os cursos não é suficiente para isso.	Que o governo federal, municipal possa	Não faço ideia por onde	Tintas Dinossauro	Nem sei responder a essa questão

	Muitas coisas novas, sendo complicado o entendimento; - Estudar, ter formação e cursos	fornecer cursos a respeito da inclusão em horário de trabalho, assim teremos oportunidades de fazer e aprimorar meu conhecimento. Também falta materiais. - Leis, decretos não existem	começar, pois agora eu ouvi dizer sobre o DUA. Nunca tinha ouvido. - Ler depois sobre DUA, fazer pesquisa, ver outros professores	- Ver mais matérias - ler mais sobre TEA	
03	Concordo com a Marlene, já fiz pós-graduação na área da psicologia e mesmo assim a falta de formação é algo muito complicado para nós. E quando tem é no período noturno.	Que as professoras da área da inclusão possam ser realmente parceiros, mas auxiliando na prática, não apenas com documentos e sim em estudos de caso.	De verdade vou começar a pensar a partir de hoje, pois sempre achei que apenas adaptar algo era o ideal e correto.	Personagens de vídeo game Mani Kraft	O que a Ana disse, nos direciona a uma sala em que não haja exclusão. Todos atuem juntos.
04	Empatia do próprio profissional muitas vezes é uma barreira. Tenho amigas que não chegam perto de um aluno com deficiência. Parece até que é contagioso. Falta amor e afeto.	Que antes do professor receber o aluno com deficiência, que sejam informados a	Ter uma rotina onde todos participam do básico e geral. Assim	Números	Tema complexo mas é possível de se pensar depois dessa conversa.

		respeito do aluno. Para que possa ser preparado e tenha um pouco de informação sobre deficiência e a vida do aluno.	meu aluno com e sem TEA se sinta parte.		
05	Eu já penso que tem muita coisa errada. Falta formação, falta professores, falta assessoria, falta material. Olha, muitas barreiras que não acredito que vai dar certo um dia. A política também ajuda na vida.	Olha, já sou um pouco pessimista, acho que é porque já vi de tudo. Mudar a estrutura física, as leis, realmente ter materiais acessíveis, cursos, profissionais que realmente a inclusão aconteça.	Penso que se eu fosse dar uma aula de ciências, onde poderia ter uma experiência com água por exemplo. Por ser algo lúdico, estaria pensando em alcançar a todos, pois é uma atividade diferente e prazerosa.	Tudo relacionado aos bonecos.	Lidar com diferentes situações da mesma forma. Não sei se respondi certo rs.